

UNIVERSIDADE TIRADENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE

**EXPERIÊNCIA DE *BULLYING* ENTRE ALUNOS DE
ESCOLAS PÚBLICAS DA REDE ESTADUAL DA GRANDE
ARACAJU**

IGOR SOARES VIEIRA

**Aracaju
Fevereiro - 2014**

UNIVERSIDADE TIRADENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE

**EXPERIÊNCIA DE *BULLYING* ENTRE ALUNOS DE
ESCOLAS PÚBLICAS DA REDE ESTADUAL DA GRANDE
ARACAJU**

Dissertação submetida à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Saúde e Ambiente, linha de pesquisa em Ambiente, Desenvolvimento e Saúde.

IGOR SOARES VIEIRA

Orientadoras

Marlizete Maldonado Vargas, D.Sc.

Cristiane Costa da Cunha Oliveira, D.Sc.

**Aracaju
Novembro - 2014**

O AUTOR PERMITE A REPRODUÇÃO DE CÓPIAS OU PARTES DESTA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SOMENTE PARA PROPÓSITOS ACADÊMICOS E CIENTÍFICOS DESDE QUE A FONTE SEJA CITADA.

V657e Vieira, Igor Soares
Experiência de Bullying entre alunos de escolas públicas da rede estadual da grande Aracaju / Igor Soares Vieira. orientação [de] Dr^a Marлизete Maldonado Vargas, Dr^a Cristiane Costa da Cunha Oliveira. – Aracaju : UNIT, 2014.

74 il.: 23cm

Inclui bibliografia.

1. Bullying. 2. Adolescente. 3. Epidemiologia. I. Vargas, Marлизete Maldonado. II. Oliveira, Cristiane Costa da Cunha. III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 504:159.964.26

Ficha catalográfica: Rosangela Soares de Jesus CRB/5 1701

**EXPERIÊNCIA DE *BULLYING* ENTRE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DA
REDE ESTADUAL DA GRANDE ARACAJU**

IGOR SOARES VIEIRA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À BANCA EXAMINADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM SAÚDE E AMBIENTE

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profª Dra. Marлизete Maldonado Vargas
Orientadora

Profª Dra. Cristiane C. da Cunha Oliveira
Orientadora

Profª Dra. Vânia Fonseca
1º Examinador

Profª Dra Lívia Godinho Nery Gomes Azevedo
2º Examinador

ARACAJU
Fevereiro – 2014

Essa dissertação é dedicada:

Aos meus pais *Valdir e Elizete*, que sempre me apoiaram na busca incessante do saber.

A minha irmã e parceira de todos os dias que aguenta todo meu mau humor e estresse diante das tensões deste estudo.

A minha querida orientadora Marлизete Maldonado, por me acompanhar durante a toda minha vida acadêmica, por mostrar os passos da cientificidade e compreender-me nos momentos difíceis.

À minha orientadora e amiga Prof^a Cristiane Costa, por acreditar em mim, mostrar o caminho da ciência e por ser a maior incentivadora na superação de meus limites.

Às minhas amigas Jamile Alves e Alessandra Alcides que fizeram parte desses momentos sempre me ajudando e me socorrendo nos momentos de crise.

Aos jovens que participaram desta pesquisa.

*I just wanna be myself and I want
you to love*

Me for who I am

*I just wanna be myself and I want
you to know*

I am my hair

(Hair)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	8
LISTA DE TABELAS.....	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
APRESENTAÇÃO.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	12
2. OBJETIVOS	Erro! Indicador não definido.
2.1 Objetivo Geral.....	Erro! Indicador não definido.
2.2 Objetivos Específicos	Erro! Indicador não definido.
3 CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1 O <i>Bullying</i>	14
3.2 <i>Bullying</i> praticado na escola ou <i>School Bullying</i>	15
REFERÊNCIAS.....	20
4 CAPÍTULO II - MÉTODO	22
4.1 Delineamento do estudo	22
4.2 Local do estudo	22
4.3 Seleção da amostra	22
4.4 Amostra do estudo.....	22
4.5 Instrumentos.....	23
4.6 Coleta de dados.....	23
4.7 Aspectos éticos	23
4.8 Análise dos dados.....	23
5 CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
5.1 ARTIGO 1 - PERCEPÇÃO DE <i>BULLYING</i> ENTRE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS	26
5.2 ARTIGO 2 - SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR E ATITUDES DOS OBSERVADORES NA PROBLEMÁTICA DO <i>BULLYING</i>	40
APÊNDICES E ANEXOS	58
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	58
APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO DE VIOLÊNCIA ENTRE PARES	59
ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	71
ANEXO 2 – SUBMISSION CONFIRMATION	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ocorrência de vitimação entre estudantes por idade – Grande Aracaju, 2012-2013.....	33
Figura 2 - Distribuições das Reações de Alunos Vítimas aos Atos Violentos na Escola por série - Grande Aracaju, 2012-2013.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Vitimações dos alunos segundo os municípios - Grande Aracaju, 2012-2013.....	35
Tabela 2- Frequência e percentual de respostas das prováveis justificativas para as ações dos agressores - Grande Aracaju, 2012-2013...	36
Tabela 1- Distribuição dos alunos participantes segundo o fato de terem observado de situações de violência escolar, de acordo com a faixa etária - Nossa Senhora do Socorro, SE, Brasil, 2013.....	47
Tabela 2 – Distribuição de frequência das atitudes dos observadores de acordo com às razões dos agressores- Nossa Senhora do Socorro, SE, Brasil, 2013.....	50
Tabela 3 – Distribuição de frequência das atitudes dos observadores em relação às características dos agressores - Nossa Senhora do Socorro, SE, Brasil, 2013.....	51

RESUMO

O presente estudo possuiu objetivo de analisar as percepções e experiências de violência entre os adolescentes escolares da Grande Aracaju. Foi realizado um estudo epidemiológico seccional no período de agosto de 2012 a setembro de 2013. A amostra foi composta por alunos matriculados em escolas públicas da Grande Aracaju com idades entre 12 a 18 anos, considerando o número de alunos no ensino fundamental e médio de escolas estaduais das cidades selecionadas (Aracaju e Nossa Sra. do Socorro), divididos em dois estratos, segundo a série cursada em 2012 (8º, /9º. ano do ensino fundamental e 1º. /2º. do ensino médio), selecionadas pela técnica de amostragem por conglomerado. Foi utilizada metodologia de natureza quali-quantitativa com aplicação do Questionário para o Estudo da Violência entre Pares validado em escolas da rede estadual de Aracaju/SE e Nossa Sra. do Socorro,, Foram feitas análises bivariadas com aplicação de teste de correlação de Pearson, teste qui-quadrado e teste Monte Carlo.. Nos casos em que as suposições do teste qui-quadrado não foram atendidas utilizou-se o Teste V-Cramer para verificar o grau da associação. Os resultados apontaram para um número elevado de estudantes envolvidos em *bullying*, principalmente na faixa etária dos 11 aos 15 anos, bem como diferenças entre meninos e meninas quanto ao fenômeno ($p=0,001$). Os locais apontados onde as situações de violência costumam ocorrer são as salas de aula, corredores da escola e ambiente do recreio. Não houve relação significativa entre a escolaridade dos pais e ser vítima de *bullying* ou agressor. As meninas relataram maior número de experiências de *bullying* do tipo Exclusão Social e Agressão Verbal, e entre meninos as agressões físicas. A principal justificativa para maltratar o colega foi a “brincadeira”. Os alunos observadores de *bullying* mesmo passivamente, envolvem-se no término do fenômeno Concluiu-se que o *bullying* é um fenômeno de ocorrência muito comum no cenário escolar, o que alerta para a gravidade de um fenômeno que apresenta tantos prejuízos aos envolvidos em diferentes escolas na Grande Aracaju e que pode ter semelhanças no Brasil e ao redor do mundo.

Palavras-chave: *Bullying*; Adolescente, Epidemiologia

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze the violence perceptions and experiences among school adolescents at Grande Aracaju. A cross-sectional epidemiological study was conducted from August 2012 to September 2013. The sample consisted of students enrolled in public schools at Grande Aracaju aged from 12 to 18 years, considering the number of students in elementary and secondary education at state schools in selected cities (Aracaju and Nossa Senhora do Socorro) , divided into two strata according to level in 2012 (8th./ 9th.grades of elementary school and 1st. / 2nd.ones of Secondary education), selected by cluster sampling technique. A methodology of qualitative and quantitative, was used. with application of the Questionnaire for the Study of Peer Violence validated in Aracaju and Nossa Senhora do Socorro statewide network schools Bivariate analyzes were performed with use of the Pearson correlation test, chi-square and Monte Carlos tests. In cases where the assumptions of the chi-square test were not met, we used the V - Cramer test to verify the degree of association. The results showed a high number of students involved in *bullying*, especially in the age group of 11 to 15 years , as well as differences between boys and girls regarding the phenomenon ($p = 0.001$). The appointed places where violent situations often occurs are over the classrooms, school hallways and playground. There was no significant relationship between parents' level of education and being bullied or perpetrator of *bullying*. Girls reporting more experiences of *bullying* mainly Verbal Aggression and Social Exclusion and among boys, was the physical one. The main justification was the aggression practiced by " joke". Observers of bullying students also constitute a network of helplessness by engaging passively at the end of this phenomenon,. It was concluded that *bullying* is a very common occurrence in the school setting, which warns of the seriousness of a phenomenon that has so much harm to those involved in different schools at Grande Aracaju and that can have similarities around Brasil and the world.

Keywords : *Bullying* , Adolescent, Epidemiology

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação intitulada "Experiência de *Bullying* entre Alunos de Escolas Públicas da Rede Estadual da Grande Aracaju", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Tiradentes - UNIT se insere na Linha de Pesquisa "Ambiente, Desenvolvimento e Saúde"¹.

Essa pesquisa é composta por cinco partes: Introdução, contextualizando o estudo; fundamentação teórica, onde são abordados os temas conceitos, classificações e epidemiologia do fenômeno *bullying*; método, que trata de todo o delineamento do estudo; artigos resultantes do desenvolvimento do estudo; conclusão, com as expectativas de contribuição desse trabalho.

¹ 1Linha de Pesquisa do Mestrado em Saúde e Ambiente da Universidade Tiradentes - UNIT, do site: http://ww3.unit.br/mestrados/saude_ambiente/pesquisa/linha-1-ambiente-desenvolvimento-e-saude/

INTRODUÇÃO

As novas demandas da sociedade moderna provocaram mudanças na estrutura de funcionamento da família, imprimindo a esta a necessidade de um reordenamento da sua dinâmica de funcionamento que, sob alguns aspectos, acarretaram situações de desagregação familiar, ausência dos pais na educação dos filhos, violência intra-familiar.

Crianças, adolescentes e jovens, na atualidade, enfrentam grande risco social e de vulnerabilidade, especialmente nas comunidades desfavorecidas socialmente, onde passam a construir sua identidade baseando-se em referências nocivas para a promoção da cidadania e de sua perspectiva de futuro. Subtraídos da possibilidade de encontrar, no outro, referências positivas para a construção de suas identificações, os jovens adolescentes vivenciam a experiência do vazio, do abandono, da falta de vínculo afetivo e, conseqüentemente, passam a experimentar problemas de diversas naturezas; muitas vezes diante de situações conflitantes passam a utilizar a violência como referência significativa na sua vida.

A violência dentro da escola não pode ser descontextualizada da violência percebida no meio familiar e social, afinal o processo de socialização da criança e do adolescente inclui a família e suas relações interpessoais dentro e fora desta. Assim, de um lado, esse processo ocorre na convivência direta com a família, na escola, na igreja, em outras instâncias, e de outro lado a ação socializadora realiza-se de modo indireto pela mediação simbólica de agentes de diferentes instituições que disseminam valores, normas e modelos culturais. Para tanto, deve-se estar atento à qualidade de relações que as crianças estabelecem entre elas, as quais podem potencializar as competências e habilidades sociais positivas ou agregar comportamentos inadequados ou desviantes (PEREIRA; SILVA; NUNES, 2009).

Na escola, essas relações podem ser configuradas em formas de violência entre pares, cujo termo em inglês é conhecido como *bullying*. Tal termo, que será utilizado neste estudo, caracteriza-se como uma forma de agressão geralmente velada dentro da instituição educacional, que acarreta danos, frequentemente irreversíveis, na vida global dos envolvidos, de modo a lhes prejudicar sua saúde.

A importância de estudar o *bullying* advém dos problemas comportamentais e emocionais que a contínua exposição pode causar nos indivíduos. A ocorrência do *bullying* na vida das crianças e jovens contribui para problemas físicos e emocionais, podendo se destacar o stress, perda da autoestima, depressão, insucesso

Neste contexto, essa dissertação se justifica pelo potencial de produzir uma análise contextualizada da problemática de violência escolar identificando aspectos que se encontram associados e que se apresentem relevantes, pois possibilitará o levantamento diagnóstico da situação revelada com as peculiaridades locais do estado de Sergipe, podendo favorecer a implementação de políticas públicas adequadas para a solução do problema. Tem-se por objetivo geral analisar as experiências de violência escolar entre os adolescentes de escolas públicas da rede estadual na Grande Aracaju no período de agosto 2012 a setembro 2013. E como objetivos específicos: caracterizar o perfil sociodemográfico dos adolescentes pesquisados; verificar o relacionamento entre variáveis sociodemográficas, concepções e experiências de violência escolar; verificar as estratégias de enfrentamento das situações vividas ou observadas; analisar a ocorrência de diferenças entre os resultados encontrados nos municípios estudados; discutir os possíveis fatores intervenientes para as diferenças encontradas entre os grupos.

Assim, a partir da identificação dos elementos que, assinalam a prática de estratégias de enfrentamento, são necessárias outras pesquisas nessa temática que subsidiem ações interdisciplinares conjunta no contexto educacional, para formulação e efetivação de políticas públicas que contribuam para o desenvolvimento da saúde da população alvo deste estudo,

2 CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O *Bullying*

Ter coragem não significa que não se tenha medo, e, sim, que não deixamos que nossos medos nos impeçam de tomar uma atitude (Abdullah, 1995).

O *bullying* é identificado como um componente significativo de violência, o qual assume muitas formas: psicológica, física, financeira, sexual, e cyber/mídia *bullying* (NANSEL et al, 2001). Nansel et al. (2001), inicialmente definem o *bullying* como:

um tipo específico de agressão em que (1) a conduta se destina a prejudicar ou perturbar, (2) o comportamento ocorrer repetidamente ao longo do tempo, e (3) existe um desequilíbrio da energia, com a pessoa mais poderosa ou grupo atacando um menos potente. Essa assimetria de poder pode ser física ou psicológica, e o comportamento agressivo pode ser verbal (por exemplo, xingamentos, ameaças, ou fazer ofensas étnicas ou de gênero), físicos (por exemplo, bater), ou psicológicos (por exemplo, os boatos, evitando / exclusão) (p. 294).

Os comportamentos inclusos no *bullying* são vários: ofender, humilhar, espalhar boatos, fofocar, expor ao ridículo em público, e acusar, isolar, designar áreas de trabalho ou tarefas ruins, negar férias e feriados no local de trabalho, dar socos, tapas, chutes, insultar, hostilizar, sexualizar ou fazer ofensas étnicas ou de gênero.

As pessoas que se constituem como alvos do *bullying* costumam sentir-se vulneráveis, com medo ou vergonha intensa e uma autoestima casa vez mais baixa, a qual é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda (LOPES NETO, 2005). As vítimas podem ficar deprimidas ou se sentir sem forças. Outras podem retaliar com atos de violência ou começar a exercer *bullying* contra terceiros. Quando a autoestima está tão comprometida, as vítimas acabam se culpando pelo comportamento do *bullying* e muitas vezes, outros até culpam a vítima. Para muitos, o *bullying* se tornou algo tão cotidiano que fingem não o ver, tendo-se tornado insensíveis aos seus efeitos devastadores. Outros até veem as manifestações do *bullying*, mas evitam intervir, porque não se sentem capazes (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

Os *bullies* (termo usado para denominar os agressores) sempre encontrarão alguma coisa que desperte a retaliação em uma pessoa: ser gorda demais, magra demais, usar óculos, trabalhar bem, andar de cadeira de rodas, usar a roupa inadequada, ser passiva ou independente demais, ter a cor, a origem étnica, o sexo, a religião, a origem socioeconômica ou a orientação sexual diferente, gostar do chefe, ser simpático, ser quieto e outras características.

Ao contrário da crença que os *bullies* abandonarão seu comportamento com o tempo, estes dificilmente pararão sem alguma intervenção permanente, confrontação sensível e consequências. Eles têm medo de enfrentar suas próprias inseguranças por meio da confrontação e de serem forçados a responder por seus atos e pelas consequências deles. Entretanto, sem confrontação sensível e responsabilização, eles simplesmente ficam melhores naquilo que fazem com o passar do tempo, podendo culminar em alguma violência doméstica e/ou no local de trabalho (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

A violência em geral vem sendo considerada cada vez mais difícil de ser contida face ao grande número de fatores relacionados a ela, mas é consenso que a violência pode ser minimizada e os fatores que contribuem para respostas violentas mudados. Não se trata de uma questão de fé, mas de uma afirmação baseada em evidências. Exemplos bem sucedidos podem ser encontrados em todo o mundo, desde trabalhos individuais e comunitários em pequena escala, até políticas nacionais e iniciativas legislativas (DEBARBIEUX; BLAYA 2002).

O *bullying* pode ser facilitado pelas tecnologias de mídia, tais como computadores usados para acesso à Internet, telefones celulares e dispositivos assistentes pessoais podem proporcionar ao aluno informações valiosas e acesso a interação social. No entanto, o acesso aos meios eletrônicos emergentes coloca o aluno em risco de exposição de *cyberbullying*. *Cyberbullying* é caracterizado com o uso intencional da internet através do qual é feito um dano ou desconforto, de caráter intencional e frequente, por agressão indireta que atinge uma determinada pessoa ou grupos de pessoas (WILLIAMS; GUERRA, 2007).

Williams e Guerra (2007), descrevem os métodos do “*cyberbullying*” como: o uso de e-mail, mensagens instantâneas, em uma sala de bate-papo ou em sites de relacionamento, ou através de mensagens digitais ou imagens enviadas para um telefone celular, com a intenção de prejudicar o outro.

22 *Bullying* praticado na escola ou *School Bullying*

O *school bullying* (assédio e maus tratos entre alunos) pertence aos conceitos dos estudos da violência realizados em meio escolar. Tal tipologia do *bullying* é, contudo, muito importante, pois a violência em meio escolar passa frequentemente despercebida entre os adultos e faz parte da face escondida da violência, cujas consequências podem ser bastante graves.

A primeira investigação de competência nacional concluída sobre *school bullying* foi realizada na Noruega, por Olweus (1993), com 140.000 alunos com idades entre 8 e 16 anos. Foi esse estudo que serviu, e continua servindo de modelo aos estudos atuais empreendidos

em diversos países, inclusive no Brasil (SMITH et al., 2004, citado por BLAYA, 2009). Esse tema de estudo ainda ganhou destaque com os estudos de Smith & Sharp (1994), Ross (1996) e Rigby (1963) (NETO; SAAVEDRA, 2004).

Segundo Olweus (1993), um aluno é vítima de *bullying* quando é submetido, de forma repetida e em longo prazo, a ações negativas por parte de um ou de vários colegas ou grupos de alunos de outras classes. Essas ações podem assumir a forma de agressão física, verbal ou gestual, difusão de boatos difamatórios, intimidação, e/ou isolamento. A relação agressor/vítima é “escolhida” devido a uma fragilidade ou a uma característica do aluno que esteja fora dos padrões esperados pelo grupo, como por exemplo, obesidade, gagueira, dificuldade de aprendizagem, estatura excessivamente alta ou baixa, padrões comportamentais que o estigmatizem e outros.

Há duas categorias de *bullying*: o *bullying* reativo, praticado em reação a uma frustração ou agressão, e o *bullying* proativo, onde o objetivo é obter um bem material ou reconhecimento social. É direto (agressão aberta) ou indireto (agressão encoberta, como espalhar boatos) (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009). Sobre aspectos repetitivos e em longo prazo, as definições divergem nesse tipo de violência. O’Moore et al. (1997), coloca que não há convenção ou harmonização quanto ao limite de frequência ou duração da agressão. Portanto, os critérios variam de investigador para investigador. Todavia, existe consenso no que diz respeito ao recurso do abuso de poder, ao desequilíbrio de forças e a relação de dominação entre o agressor e a vítima.

Em um estudo feito por Rivers e colaboradores (2009), cerca de 20% dos alunos relataram alguma perpetração de comportamento de *bullying*, e aproximadamente 34% dos alunos relataram ter vitimização. Em contraste, a maioria dos alunos (63%) relatou ter presenciado colegas sendo intimidados durante o ano letivo. No geral, os resultados demonstraram que o *bullying* era parte do cotidiano da maioria dos alunos.

Nos Estados Unidos, a seriedade do assunto veio à tona quando dois jovens em Littleton, Colorado, vingando-se de dois colegas que os haviam insultado, provocado e isolado, atiraram e mataram 13 alunos antes de apontar às armas a si mesmo. A falta de consciência e de consequências desse comportamento cruel, a minimização da gravidade da situação e o silêncio constante são as armas mais valiosas do *bullying* (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

Especialmente os adolescentes do sexo masculino, vivem com medo de não cumprir as regras não ditas impostas ao pertencimento: atitude bacana, não demonstrar sentimentos, fazer o tipo machão, exercer o *bullying*, ser bom em futebol, não parecer nem sensível demais ou intelectual, nunca chorar e outras. Aprendem desde cedo a necessidade de usar uma

máscara durante suas vidas. “Ao usar essa máscara, os meninos reprimem completamente sua vida emocional interior, e, em lugar dela, fazem o tipo valentão, tranquilo, desafiador, imperturbável, extravasando sua dor na forma de risadas. Eles podem se desenvolver fortes e silenciosos ou agredir com punhos e palavras beligerantes” (POLLACK E SHUSTER, 2000, p. 33 citado por MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

Um ambiente escolar caracterizado pelo *bullying* pode criar um clima de medo e intimidação que tem implicações negativas tanto na aprendizagem quanto para o ajuste do aluno no meio escolar. Medo de ser assediado ou isolado na escola contribui para a evasão e baixo desempenho escolar (MEHTA et al., 2013). Para Lopes Neto (2005), tal comportamento violento é resultado da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. O modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo.

Finn (1997) foi um dos primeiros a definir engajamento escolar como uma extensão em que um estudante investe tempo e participação de atividades relacionadas à escola. Envolvimento da escola é um fator chave que permite que os alunos beneficiem-se da vida acadêmica. Para Archambault e col. (2009), o processo de desengajamento muitas vezes precede o abandono escolar dos estudantes. Segundo esses autores, o engajamento escolar inclui um investimento cognitivo e afetivo na aprendizagem, bem como no envolvimento nas atividades escolares. Por sua vez, a base cognitivo-afetivo para o envolvimento da escola (às vezes considerados separados nas dimensões cognitiva e afetiva) inclui o estado de estar motivado e investido no processo de aprendizagem.

Um estudo feito por Mehta (2013) com 7058 alunos de escolas públicas na Virgínia sobre “*Bullying Climate and School Engagement*” constatou que os alunos que perceberam mais *bullying* na escola relataram menos envolvimento em atividades escolares extracurriculares. O tamanho da escola foi um preditor significativo de envolvimento escolar. As escolas com maior número de matrículas total tinha menos envolvimento com coletivo e um maior número de *bullying*, logo apresentaram níveis mais baixos de envolvimento em atividades extracurriculares. Uma possível explicação para este achado, segundo os autores do estudo, é que em escolas menores há mais oportunidades per capita para o envolvimento em atividades estudantis, como esportes coletivos, que têm um número relativamente fixo de participantes, enquanto que escolas maiores recorrem a um maior número de estudantes para um número semelhante de posições. Concluiu que o *bullying* teve uma associação negativa

com o clima escolar e que se estende para além dos efeitos sobre as vítimas individuais. Quando os alunos percebem que a provocação do *bullying* era generalizada em sua escola, eles se sentiam menos seguros e tornavam-se menos engajados em sua experiência escolar. Como resultado, eles têm menos compromisso de fazer bem na escola e são menos propensos a participar de atividades escolares (MEHTA et al., 2013).

Unnever e Cornell (2003) referiram a uma “cultura de *bullying*” que caracteriza as escolas onde o *bullying* é considerado como um aspecto universal e inevitável da vida escolar. Nessas escolas, o *bullying* é percebido como um meio de alcançar status social e aceitação pelos pares e, em tais escolas parece especialmente importante à realização de esforços que visem a alterar o clima da escola.

Tradicionalmente, a escola é vista como um local de aprendizado, avaliando-se o desempenho dos alunos com base nos exames e no cumprimento de tarefas acadêmicas. No entanto, no Brasil, três documentos legais formam a base de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. Em todos esses documentos, estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania (LOPES NETO, 2005).

As escolas deveriam ser ambientes seguros e saudáveis, onde as crianças possam desenvolver ao máximo as suas potencialidades intelectuais e sociais. Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam algum dano, seja físico ou psicológico, que testemunhem tal situação para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, se calem e adotem comportamentos agressivos. Os professores e pais têm pouca percepção do *bullying*, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução e interrupção dessas situações (BLAYA, 2009). Foi identificado em uma pesquisa no Rio de Janeiro que 51,8% dos autores de *bullying* admitiram não terem sido advertidos e que a aparente aceitação dos adultos e a conseqüente sensação de impunidade favorecem a perpetuação do comportamento agressivo (NETO; SAAVEDRA, 2004).

Em alguns estados brasileiros, leis já foram sancionadas determinando que as escolas desenvolvam programas de prevenção e combate ao *bullying*. No Rio de Janeiro, por lei, as escolas devem adotar medidas de prevenção e combate ao *bullying* e recentemente no Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, foi sancionada, no dia 26 de março de 2010, a lei municipal nº 10.866, em Porto Alegre/RS, dispendo sobre o desenvolvimento de política

“*antibullying*” por instituições de ensino de educação infantil públicas municipais ou privadas, com ou sem fins lucrativos (Lei, nº 10.866, de 26 de março de 2010, Porto Alegre).

Em suma, o praticante de *bullying* pode gerar um ambiente escolar de medo e insegurança, motivação diminuída para frequentar a escola, e em última análise, um baixo rendimento escolar (UNNEVER; CORNELL, 2003). O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento desses efeitos, além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmo (LOPES NETO, 2005). Os alunos que sofrem altos níveis de *bullying* na sua escola podem tornar-se menos engajados na escola e, conseqüentemente, menos motivados para aprender. De acordo com o Conselho Nacional de Pesquisa Americano, melhorar o engajamento da escola é fundamental para resolver os problemas nacionais como, a conclusão do ensino médio e desempenho acadêmico (NRCIM, 2004 citado por MEHTA et al., 2013).

REFERÊNCIAS

- ARCHAMBAULT, I.; JANOSZ, M.; FALLU, J.; PAGANI, L. Student engagement and its relationship with early high school dropout. **Journal of Adolescence**, 32, 651 – 670, 2009.
- BLAYA, C. **Violência e Maus-Tratos em Meio Escolar**. Instituto Piaget, 2009.
- DEBARBIEUX É.; BLAYA, C.. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO; 2002.
- FINN, J.D., ROCK D.A. Academic success among students at risk for school failure. **Journal Appl Psychol**, v.82, n. 2, 1997.
- Lei, nº 10.866, de 26 de março de 2010 (BR). Dispõe sobre o desenvolvimento de política “antibullying” por instituições de ensino de educação infantil públicas municipais ou privadas, com ou sem fins lucrativos. Diário Oficial de Porto Alegre (2010).
- LISBOA, C.; BRAGA, L.L.; EBERT, G. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 1, p. 59-71, jan-jun./2009.
- LOPES NETO, A.A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. Nov. 2005 .
- MEHTA, S.B.; CORNELL, D.; FAN, X.; GREGORY, A. *Bullying* Climate and School Engagement in Ninth-Grade Students. **Journal of School Health**, Vol. 83, n. 1, 2013.
- MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M.L. **Bullying**: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MOURA, D. R.; CRUZ, A. N.; QUEVEDO, L.A. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro; v. 87, n. 1, 2011.
- NANSEL, T.R., OVERPECK, M., PILLA, R.S., RUAN, W.J., SIMON-Morton, B., SCHEIDT, P. *Bullying* behaviors among US youth: Prevalence and association with psychosocial adjustment. **Journal of the American Medical Association**, v. 285, n.16, 2001.
- NETO A. A., SAAVEDRA L. H. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPIA; 2004.
- O'MOORE, M.; KIRKHAM, C.; SMITH, M. *Bullying* behaviour in Irish schools: A nationwide study. **Irish Journal of Psychology**, v. 18, 1997.
- OLWEUS, D. **Bullying in schools**: What we know and what we can do. Oxford, Blackwell, 1993.
- RIVERS, I.; POTEAT, V.P.; NORET, N.; ASHURT, N. Observing *bullying* at school: The mental health implications of witness status. **School Psychology Quarterly**, v. 24, n.4, 2009.
- ROSS, D. Review of literature, variety of strategies for guidance counselors and others. **Childhood Bullying and Teasing**, 1996.
- SMITH P. K.; SHARP, S. The problem of school *bullying*. In P. K. Smith; S. Sharp (Eds.), **School bullying: insights and perspectives**. London: Routledge, 1994.
- UNNEVER, J.; CORNELL D. The culture of *bullying* in middle school. **Journal School Violence**; v. 2, n.2, 2003.

UNIVERSIDADE TIRADENTES
DISSERTAÇÃO - MESTRADO EM SAÚDE E AMBIENTE – IGOR SOARES VIEIRA

WILLIAMS , K.R. GUERRA , N.G. Prevalence and predictors of Internet *bullying*. **Journal of Adolescent Health**, v.41, 2007.

CAPÍTULO II - MÉTODO

3.1 Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo de levantamento epidemiológico seccional com abordagem quali-quantitativa, desenvolvido no período de agosto de 2012 a outubro de 2013

3.2 Local do estudo

Os municípios que formam a Grande Aracaju: Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, Barra dos Coqueiros e São Cristóvão, somam 899.239 habitantes (BRASIL, 2010). O número de escolas estaduais é X.. distribuídas em: Aracaju,

3.3 Seleção da amostra

O plano amostral desta pesquisa foi baseado na população de alunos matriculados em escolas públicas estaduais da Grande Aracaju, onde foram selecionados os municípios de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro, divididos em dois estratos, segundo a série cursada em 2012 (8º, /9º. ano do ensino fundamental e 1º. /2º. do ensino médio), de acordo com informações fornecidas pela Secretaria de Estado da Educação (SEED). Para que o estudo pudesse ter um caráter representativo o plano de amostragem foi calculado pela fórmula de Barbeta (2010), com seleção aleatória por conglomerado para a escolha das escolas, respeitando os critérios de proporcionalidade do número de alunos nos dois estratos acima referidos.

O procedimento de seleção passou por duas etapas: (a) escolha das escolas (representantes do conjunto de turmas e alunos dos estratos selecionados); (b) seleção aleatória das turmas nas escolas.

Foram incluídos todos os adolescentes presentes nas salas de aula que consentiram em participar do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis. Foram excluídos os adolescentes que não responderam a 10% ou mais das questões.

3.4 Amostra do estudo

Participaram 753 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 11 e 20 anos, alunos de 8º e 9º ano do ensino fundamental e 2º e 3º ano do ensino médio de escolas públicas estaduais da Grande Aracaju.

3.5 Instrumentos

Foi utilizado um questionário desenvolvido por Freire, Simão e Ferreira (2006), validado (PRODÓCIMO; SILVA; MIGUEL; RECCO, 2010) e que tem como objetivo identificar alunos agressores, vítimas e observadores frequentes de situações de maus-tratos. Trata-se de um questionário auto-aplicável, dividido em 3 partes, além da caracterização dos sujeitos. A primeira parte contém questões que envolvem a vítima das agressões, na segunda, as mesmas questões são dirigidas ao observador e na terceira, ao agressor. Cada sujeito pode se assumir como vítima, caso tenha sofrido algum tipo de agressão, como observador, caso tenha presenciado algum fato, e também como agressor, caso tenha agredido algum colega. O tempo de referência para as respostas é de duas semanas, ou seja, se nas últimas duas semanas anteriores à aplicação do questionário o sujeito foi agredido, observou ou agrediu alguém (Apêndice 2).

3.6 Coleta de dados

Essa etapa consistiu na visita às escolas, apresentação dos ofícios da Secretaria de Estado da Educação, explicação dos objetivos da pesquisa e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1).

Inicialmente era explicado sobre a confidencialidade da pesquisa, os objetivos da equipe, sensibilização dos alunos e esclarecimento de todas as dúvidas no sentido de evitar recusas e melhorar a qualidade dos dados coletados.

Foram administrados os questionários a todos aqueles que aceitaram participar da pesquisa com a devolução dos termos de consentimento. O instrumento foi respondido em sala de aula, individualmente, de forma confidencial e anônima, sob supervisão dos aplicadores.

3.7 Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Tiradentes/SE e pautado nos termos da Resolução 196/1997 (BRASIL, 1996), do Conselho Nacional de Saúde, sendo o material aqui apresentado fruto de pesquisa original. Número do protocolo: 251211.

3.8 Análise dos dados

Foram realizadas análises de distribuição de frequência e análises bivariadas com aplicação de teste de correlação de Pearson e teste qui-quadrado. Utilizou-se o teste Monte Carlo para verificar a associação linear entre a faixa etária e o número de vítimas apontadas

pelos sujeitos. Nos casos em que as suposições do teste qui-quadrado não foram atendidas utilizou-se o Teste V-Cramer para verificar o grau da associação, considerando como efeito pequeno quando $r=0,1$, médio $r=0,3$ e grande $r=0,5$. Valores de p menores de 0.05 foram considerados indicativos de significância estatística para todos os testes estatísticos aplicados.

4 CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados dois artigos que foram submetidos para publicação em periódicos na área interdisciplinar conforme plataforma *qualis*, com o objetivo de contribuir para área acadêmica e objeto do estudo.

4.1 ARTIGO 1 - PERCEPÇÃO DE *BULLYING* ENTRE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS

PERCEPÇÃO DE *BULLYING* ENTRE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS PERCEPÇÃO DE *BULLYING* ENTRE ALUNOS

Igor S. Vieira^{a*}, Andreia P. B. Torales^b, Marlizete M. Vargas^c, Cristiane C. C. Oliveira,

Artigo será submetido à revista *Análise Psicológica*

^a igosv@hotmail.com; Concepção e planejamento do projeto; obtenção de dados; Análise e interpretação dos resultados; participação na elaboração da primeira versão/rascunho do manuscrito;

^b andreiaposchi@msn.com; Obtenção de dados, participação na revisão crítica do manuscrito.

^c marlizete@uol.com.br; participação substancial na revisão crítica do conteúdo do manuscrito; participação na versão final do manuscrito.

^d cristiane_cunha@itp.org.br; Concepção e planejamento do projeto, análise e interpretação dos resultados; participação substancial na revisão crítica do conteúdo e versão final do manuscrito.

#Todos os autores possuem currículo cadastrado na plataforma Lattes do CNPq

*Autor para correspondência:

Igor Soares Vieira, Avenida Quirino, 930. Condomínio Flor de Liz, bloco 3, apt, 301, Aracaju, Sergipe. CEP: 49040-700. Tel. (79) 9956-8511. E-mail: igosv@hotmail.com

Declaração de conflito de interesse: Nada a declarar

Instituição ao qual o trabalho está vinculado: Universidade Tiradentes

Fonte Financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação Tecnológica do estado de Sergipe (Fapitec)

RESUMO

O *bullying* é um fenômeno devastador podendo vir a afetar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes. Alguns problemas como evasão escolar, baixa autoestima, depressão, ansiedade e suicídio podem ser desencadeados. O objetivo deste estudo foi analisar as percepções e experiências de violência escolar entre os adolescentes de escolas públicas da rede estadual na Grande Aracaju no período de 2012 e 2013. Estudo de natureza quali-quantitativa. A amostra foi composta por 753 alunos matriculados em escolas públicas do município de Aracaju e Nossa Sra. do Socorro (Grande Aracaju) com idades entre 12 a 18 anos de ensino fundamental e médio de escolas estaduais. Foi aplicado questionário para o estudo da violência validado. Não houve relação significativa entre município de moradia, escolaridade dos pais e ser vítima de *bullying* ou agressor ($p > 0,05$). Verificou-se declínio da violência no final da adolescência, havendo maior número de experiências de *bullying* do tipo Exclusão Social e Agressão Verbal, entre as meninas, comparado aos meninos ($p = 0,049$), sendo a principal justificativa foi a agressão praticada por "brincadeira" (49%). Os adolescentes de escolas públicas estaduais estão em risco de violência escolar.

ABSTRACT

Bullying is a devastating phenomenon may potentially affect self-esteem and mental health of adolescents. Some problems such as truancy, low self-esteem, depression, anxiety and suicide can be triggered. The aim of this study was to analyze the perceptions and experiences of school violence among adolescents in public schools statewide network in Greater Aracaju the period 2012 and 2013. Study of qualitative and quantitative, in the period from August 2012 to September 2013. The sample consisted of 753 students enrolled in public schools in the Aracaju city and Nossa Senhora do Socorro (Aracaju Great) aged 12 to 18 years of elementary and secondary state schools. Questionnaire validated for the study of violence was applied. There was no significant relationship between the municipality of residence, parental education, and being a victim or perpetrator of *bullying* ($p > 0.05$). There was decline in violence in late adolescence, with greater number of experiences of *bullying* type Verbal Aggression and Social Exclusion among girls compared to boys ($p = 0.049$), being the main justification for mistreating fellow was assault practiced by "joke" (49 %). Adolescents from public schools are at risk of school violence.

INTRODUÇÃO

O *Bullying* é identificado como um componente significativo de violência, o qual assume muitas formas: psicológica, física, financeira, sexual e cyber/mídia *bullying* (NANSEL et al, 2001). Segundo Olweus (1993), um aluno é vítima de *bullying* quando é submetido, de forma repetida e em longo prazo, a ações negativas por parte de um ou de vários colegas ou grupos de alunos de outras classes. Essas ações podem assumir a forma de agressão física, verbal ou gestual, difusão de boatos difamatórios, intimidação, e/ou isolamento. A relação agressor/vítima é “escolhida” devido a uma fragilidade ou a uma característica do aluno que esteja fora dos padrões esperados pelo grupo, como por exemplo, obesidade, gagueira, dificuldade de aprendizagem, estatura excessivamente alta ou baixa, padrões comportamentais e outros.

As pessoas que se constituem como alvos do *bullying* costumam sentir-se vulneráveis, com medo ou vergonha intensa e uma autoestima cada vez mais baixa, a qual é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda (NETO; SAAVEDRA, 2004). As vítimas podem ficar deprimidas ou se sentir sem forças. Outras podem retaliar com atos de violência ou começar a exercer *bullying* contra terceiros. Quando a autoestima está muito comprometida, as vítimas acabam se culpando pelo comportamento do *bullying* e muitas vezes, outros até culpam a vítima. Muitas pessoas a quem as vítimas procuram em busca de apoio desconsideram seus sentimentos. O *bullying* se tornou algo tão cotidiano que as pessoas parecem não o perceber, podendo se tornar insensíveis aos seus efeitos. Outros até veem as manifestações do *bullying*, mas evitam intervir, porque não se sentem capazes de fazê-lo (BANDEIRA; HUTZ, 2010; MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

O *bullying* durante as brincadeiras com outros amigos é apenas o começo para um padrão de atitude desviante durante toda a vida, que pode culminar em alguma violência doméstica e/ou no local de trabalho. Os agressores sempre encontrarão alguma coisa de seu interesse em uma pessoa: ser gorda demais, magra demais, usar óculos, trabalhar bem, andar de cadeira de rodas, usar a roupa inadequada, ser passiva ou independente demais, ter a cor, a origem étnica, o sexo, a religião, a origem socioeconômica ou a orientação sexual diferente, gostar do chefe, ser simpático, ser quieto e outras características (GROSSI; SANTOS, 2009; MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

Em suma, o praticante de *bullying* na escola pode gerar situações de medo e insegurança, motivação diminuída para frequentar a escola, e em última análise, um baixo rendimento escolar (UNNEVER; CORNELL, 2003). A duração e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento desses efeitos, além de aumentar a ansiedade,

insegurança e o conceito negativo de si mesmo (LOPES NETO, 2005). Os alunos que sofrem altos níveis de *bullying* na sua escola podem tornar-se menos engajados na escola e, conseqüentemente, menos motivados para aprender. (NRCIM, 2004 citado por MEHTA et al., 2013).

A necessidade de estudar o fenômeno do *bullying* advém dos problemas comportamentais e emocionais que a contínua exposição pode causar nos indivíduos. A ocorrência do *bullying* na vida das crianças e jovens contribui para problemas físicos e emocionais, podendo se destacar o stress, perda da autoestima, depressão e em casos mais graves, o suicídio, além da associação do insucesso escolar.

Neste contexto esse estudo se justifica pelo potencial de produzir uma análise contextualizada da problemática de violência escolar identificando aspectos que se encontram associados e que se apresentam relevantes, pois possibilitará o levantamento diagnóstico da situação revelada com as peculiaridades locais do estado de Sergipe, podendo favorecer a implementação de políticas públicas adequadas para a solução do problema.

Faz-se necessário desenvolver nos jovens habilidades que os ajudem a enfrentar com êxito essa realidade, considerando a descrição da problemática. Nesta perspectiva, o resultado esperado é que o desenvolvimento de pesquisas nessa temática possa favorecer uma ação conjunta no contexto educacional, para formulação e efetivação de políticas públicas que contribuam para o desenvolvimento da saúde dos alunos, a partir da identificação dos elementos que, assinalam a prática de estratégias de enfrentamento.

Este estudo se propõe a analisar as percepções e experiências de violência escolar entre os adolescentes de escolas públicas da rede estadual na Grande Aracaju no período de 2012 e 2013.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de levantamento epidemiológico seccional com abordagem quali-quantitativa, desenvolvido no período de agosto de 2012 a outubro de 2013 na Grande Aracaju. Aracaju localiza-se no litoral do nordeste, conta com 614.577 habitantes, e, apesar de ser a menos populosa das capitais nordestinas, ocupa a 33ª posição entre os municípios mais populoso do país, figurando como o mais populoso município do estado do Sergipe. Somando-se as populações dos municípios que formam a Grande Aracaju: Nossa Senhora do Socorro, Barra dos Coqueiros e São Cristóvão, o número passa para 899.239 habitantes (BRASIL, 2010).

Participaram 753 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 11 e 20 anos, alunos de 8º e 9º ano do ensino fundamental e 2º e 3º ano do ensino médio de escolas públicas estaduais da Grande Aracaju.

O plano amostral desta pesquisa foi baseado na população de alunos matriculados em escolas públicas estaduais da Grande Aracaju, onde foram selecionados os municípios de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro, divididos em dois estratos, segundo a série cursada em 2012 (8º / 9º ano do ensino fundamental e 1º / 2º do ensino médio), de acordo com informações fornecidas pela Secretaria de Estado da Educação (SEED). Para que o estudo pudesse ter um caráter representativo o plano de amostragem foi calculado pela fórmula de Barbeta (2010), com seleção aleatória por conglomerado para a escolha das escolas, respeitando os critérios de proporcionalidade do número de alunos nos dois estratos acima referidos.

O procedimento de seleção passou por duas etapas: (a) escolha das escolas (representantes do conjunto de turmas e alunos dos estratos selecionados); (b) seleção aleatória das turmas nas escolas.

Foram incluídos todos os adolescentes presentes nas salas de aula que consentiram em participar do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis. Foram excluídos os adolescentes que não responderam a 10% ou mais das questões.

Foi utilizado um questionário desenvolvido por Freire, Simão e Ferreira (2006), validado (PRODÓCIMO et. al, 2010) que tem como objetivo identificar alunos agressores, vítimas e observadores frequentes de situações de maus-tratos. Trata-se de um questionário auto-aplicável, dividido em 3 partes, além da caracterização dos sujeitos. A primeira parte contém questões que envolvem a vítima das agressões, na segunda, as mesmas questões são dirigidas ao observador e na terceira, ao agressor. Cada sujeito pode se assumir como vítima, caso tenha sofrido algum tipo de agressão, como observador, caso tenha presenciado algum fato, e também como agressor, caso tenha agredido algum colega. O tempo de referência para as respostas é de duas semanas, ou seja, se nas últimas duas semanas anteriores à aplicação do questionário o sujeito foi agredido, observou ou agrediu alguém.

A aplicação dos questionários ocorreu após consentimento dos diretores das escolas, agendamento prévio, explicação da pesquisa, sensibilização dos alunos e esclarecimento de todas as dúvidas no sentido de evitar recusas e melhorar a qualidade dos dados coletados.

A aceitação dos envolvidos foi referendada pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos alunos e responsáveis. O instrumento foi respondido em sala de aula, individualmente, de forma confidencial e anônima, sob supervisão dos aplicadores.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Tiradentes/SE (protocolo nº 251211) e conforme recomenda a lei 196/1997 (BRASIL, 1996), do Conselho Nacional de Saúde, sendo o material aqui apresentado fruto de pesquisa original.

Foram realizadas análises de distribuição de frequência e análises bivariadas com aplicação de teste de correlação de Pearson e teste qui-quadrado. Utilizou-se o teste Monte Carlo para verificar a associação linear entre a faixa etária e o número de vítimas apontadas pelos sujeitos. Valores de p menores de 0,05 foram considerados indicativos de diferença significativa entre as proporções para todos os testes estatísticos.

RESULTADOS

Participaram do estudo 753 adolescentes, com idade média de 15,76 (DP= 1,66 anos), sendo 60,30% do sexo feminino e 39,70% do sexo masculino. Quando inquiridos sobre situações de violência, 233 alunos (34,10%) disseram terem sido vítimas de algum tipo de agressão, 367 (48,70%) e 189 (25,10%) disseram ter observado situações de agressão e atuado como agressores, respectivamente e sem diferenças estatísticas significativas ($\chi^2 = 13,153$ $p= 0,36$).

Estes resultados revelaram uma alto percentual de alunos que disseram ter se envolvido com *bullying*, similares aos encontrados por Bandeira e Hutz,(2010) com níveis de vitimização semelhantes para meninos e meninas, mas esta última afirmação não foi corroborada pelos achados de Liang, Flisher e Lombard (2007) que relatam a agressividade e vitimação ocorrendo mais comumente em meninos.

A distribuição de alunos por séries pesquisadas demonstrou que a maior parcela da amostra foi encontrada no 2º ano do ensino médio, seguida pelo 9º ano, (n=247) 32,80% e (n=208) 27,60% respectivamente.

Os arranjos familiares se mostraram predominantemente nucleares: 40,2% disseram ter pais e irmãos vivendo na mesma casa, e 17,4% deles moram com os pais. Apenas 15,10% moram com a mãe e irmãos e 10,40% somente com a mãe, 4,5% moram com pai e irmãos, 3,5% somente com o pai e 8,9% possuem outros arranjos. Quanto ao estado civil, 49,7% dos pais dos entrevistados disseram ter pais/responsáveis casados, 23,80%, separados e 26%, distribuídos entre solteiros, viúvos e outros estados civis.

Não foi observada associação significativa entre ter os pais e irmãos morando na mesma casa e morar somente com um dos pais, ou ainda com pai com irmãos e/ou mãe irmãos com o comportamento agressivo ($\chi^2 = 12,163$; $p = 0,14$).

Em relação à escolaridade 28,90% dos pais, conseguiram completar o ensino médio e apenas 10,38% conseguiram completar o ensino fundamental. Somente 22,65% dos pais

ficaram na classificação de ensino fundamental incompleto; 10,49% ensino médio incompleto. Apenas 4,18% chegaram ao ensino superior. Não houve associação significativa entre a escolaridade dos pais e a ocorrência de vitimação ($X^2= 26,582$ $p=0,557$).

Não foi encontrada associação significativa em ser vítima de *bullying* com a escolaridade dos pais dos estudantes e estrutura da família, corroborando o estudo de Fischer (2010). Este dado configura o fato de que o *bullying* permeia diferentes classes sociais, níveis culturais e arranjos familiares, não se restringindo ao estereótipo de que se trata de um fenômeno de classes sociais desfavorecidas.

A respeito da tendência de comportamentos de *bullying* e as diferenças de idade, houve menor prevalência da violência escolar no final da adolescência, sendo que as meninas apresentaram mais envolvimento do que os meninos, com redução a partir de 15 anos ($X^2= 27,534$; $p= 0,001$). (Figura 1). Em um estudo da PlanBrasil (FISCHER, 2010), a violência foi descrita como menos frequência entre adolescentes de 11 a 15 anos, comparativamente aos adolescentes com maior idade (BRASIL, 2009). Outro estudo também encontrou situações frequentes de *bullying* especialmente entre adolescentes na faixa de 11 a 15 anos de idade matriculados no ensino fundamental (ARAÚJO et al, 2010; FISCHER et. al, 2010).

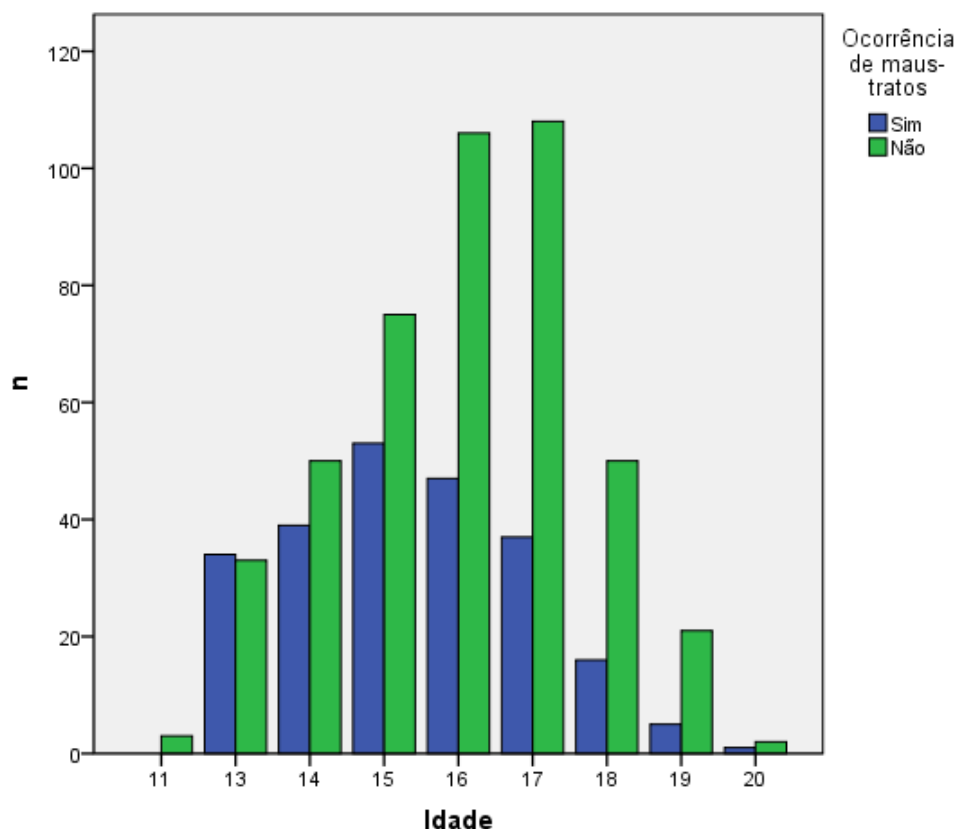


Figura 1. Ocorrência de vitimação entre estudantes por idade – Grande Aracaju, 2012-2013

As formas de agressão sofridas, mais citadas pelas vítimas foram: 1) intrigas/tramas/fofocas” (18,33%); 2) “Caçoar/rir/humilhar” (16,88%); 3) “xingamentos” (14,15%); e 4) “Dizer coisas ruins de mim ou da minha família” (13,02%). Relativamente outras formas de vitimação, há ainda a considerar que alguns sujeitos passam por situações do tipo “Empurrões” (5,95%); “Tirar coisas” (5,31%); “Ameaças” (4,98%); “Estragar objetos pessoais ou roupas” (1,61%). Estas percentagens ainda que pequenas são preocupantes porque remetem para formas de violência mais graves que ocorrem nas escolas.

Este mesmo resultado não foi integralmente verificado nas respostas fornecidas pelos agressores. Questionados sobre os tipos de agressões praticadas contra os colegas, as cinco alternativas mais citadas foram: 1) “Fizeram intrigas/tramas/fofocas a seu respeito” (17,44%); 2) “Bater” (16,56%); “Xingar, chamar de nomes ofensivos” (12,14%); “Empurrar com violência” (11,04%); e “Magoar de propósito (beliscar com força, ferir com objetos) (9,93%).

As respostas sobre os modos de manifestação do *bullying* são relatados por vítimas e agressores, possuem um aspecto diferente. Os agressores citam com frequência significativa as agressões físicas, as quais são pouco apontadas pelas vítimas.

De acordo com a interpretação da pesquisa desenvolvida pela ONG Plan Brasil, sobre este fenômeno, é natural que, para as vítimas, seja mais difícil assumir as agressões físicas, uma vez que configuram por si só um constrangimento (uma revelação de inferioridade, de vulnerabilidade) (FISCHER, 2010). No entanto, quanto a agressão verbal (como os apelidos e xingamentos), considerando-se que essa prática é muitas vezes tida como uma brincadeira pelos alunos, fica mais da vitimização ser admitida.

Na maioria dos casos, o *bullying* verbal é o que mais se destaca (87,40%). Quanto às diferenças entre os sexos, foi verificado que as meninas admitiram sofrer mais *bullying* psicológico/moral em relação aos meninos (63,5% e 36,5%, respectivamente) ($X^2= 35,59$ $p=0,019$). Esses resultados corroboram a literatura (SHARP; SMITH, 1991; FREIRE; SIMÃO; FERREIRA, 2006; MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011), que aponta que os meninos tendem a utilizar mais a agressão física e a ameaça verbal comparados com as meninas, que utilizam formas mais indiretas de *bullying*, como agressão verbal, apelido, insulto e fofoca, corroborando o resultado deste.

O *bullying* verbal pode passar, muitas vezes, despercebido pelos adultos que convivem com crianças e adolescentes, tanto na escola quanto na família. Pais e professores apresentam maior tendência para realizar intervenções em situações de *bullying* físico em relação ao *bullying* verbal. Por não ser tão visível como a agressão física, que pode deixar

marcas evidentes, as marcas deixadas pelo *bullying* verbal são de certa forma, silenciosas, porém graves.

Professores e pais têm pouca percepção de *bullying*, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução e interrupção dessas situações (BLAYA, 2008), fazendo com que o arcabouço legal que respalda o direito de estar seguro no ambiente escolar fique a desejar (BRASIL, 1988).

As escolas devem ser ambientes seguros e saudáveis, onde as crianças possam desenvolver ao máximo as suas potencialidades intelectuais e sociais e possam também exercer seus papéis com tranquilidade.

Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam algum dano, seja físico ou psicológico, que testemunhem tal situação para que não seja também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, se calem e adotem comportamentos agressivos. Neste contexto, Neto e Saavedra (2004) fizeram uma pesquisa no Rio de Janeiro que identificou que 51,8% dos autores de *bullying* admitiram não terem sido advertidos e que a aparente aceitação dos adultos e a consequente sensação de impunidade favorecem a perpetuação do comportamento agressivo.

De acordo com a Tabela 1, não foi observado diferença significativa na prevalência do *bullying* entre os estudantes da capital e no município do interior. Esse resultado é semelhante ao estudo de Fisher (2010) na pesquisa divulgada pela Plan Brasil, com 5168 alunos de 25 escolas de cinco regiões geográficas do Brasil). Também não foram encontradas diferenças de prevalência de *bullying* entre municípios estudados. Entretanto, deve-se admitir que a semelhança dos resultados de *bullying* entre os locais estudados se devam a proximidade que o município de Nossa Sra. do Socorro tem com a capital, a qual faz parte da Grande Aracaju. Provavelmente, os municípios do interior da grande Aracaju recebem alguma influência da capital, no que se refere a aspectos sócio-econômicos e culturais, inclusive no que se refere a trabalho e moradia.

Tabela 1. Vitimações dos alunos segundo os municípios - Grande Aracaju, 2012-2013

Vitimação	Município		Vítimas por 100 habitantes por município		Valor de p^a
	Aracaju	Nossa Sra. do Socorro	Aracaju	Nossa Sra. do Socorro	
Sim	152	81	0,37	0,30	$p=0,12663$
Não	263	188	0,63	0,70	
Total	415	269			

a) Teste do qui-quadrado de Pearson

Ressalta-se a importância de se abordar as razões para as ações dos agressores. No presente estudo, tanto os meninos quanto as meninas não compreendiam o caráter lícito da conduta dos agressores, já que 49,00% das crianças ou adolescentes consideraram que agrediram por brincadeira, sendo tal justificativa a principal razão para maltratar o colega (Tabela 2.) Para Gomes e Sanzovo (2013), é uma confusão comum entre as crianças e adolescentes vítimas e agressoras, pois, se não conseguem diferenciar agressões de brincadeiras, como ficarão ilusas aos maus-tratos e ao *bullying*. Em situações como estas, explicar as diferenças entre as agressões e brincadeiras é o primeiro passo para a prevenção ao *bullying* (FISCHER, 2010). Qualquer plano de prevenção a ofensas pessoais, para que se tenha êxito, em primeiro lugar deve individualizar bem o problema.

Tabela 2. Frequência e percentual de respostas das prováveis justificativas para as ações dos agressores - Grande Aracaju, 2012-2013

Sexo		Defesa			Brincadeiras	Reação a provocação	Irritação	Outra	Total
		Vingança	de outros colegas	Desprezo					
Masculino	n	7	9	5	42	18	12	3	73
	%	3,60%	4,60%	2,60%	21,60%	9,30%	6,20%	1,50%	37,60%
Feminino	n	21	23	10	53	31	30	4	121
	%	10,80%	11,90%	5,20%	27,30%	16,00%	15,50%	2,10%	62,40%
Total	n	28	32	15	95	49	42	7	194
	%	14,40%	16,50%	7,70%	49,00%	25,30%	21,60%	3,60%	100,00%

Teste Qui-Quadrado $X^2= 70,59$ $p=0,049$

O 8º ano foi a turma que teve maior percentual de alunos que mais sofreu algum tipo de violência (12,00%), havendo um decréscimo desse percentual nas séries posteriores. Observou-se correlação inversa quanto a relação escolaridade e prevalência de maus tratos, isto é, houve uma diminuição significativa de maus tratos com o avançar do ano escolar. (Tabela 3).

Smith, Madsen e Moody (1999) já haviam ressaltado que o decréscimo no número de vítimas conforme o avanço da escolaridade seria devido ao aumento da competência social dos alunos, juntamente com a diminuição da vulnerabilidade às situações de maus tratos, o que poderia justificar a redução nos índices de vitimização encontrada nos participantes do presente estudo.

Tabela 3. Distribuição das Vítimas de *bullying* segundo local e série - Grande Aracaju, 2012-2013

Série	Vítimas de violência por série (%)	Local onde o <i>bullying</i> mais ocorreu (%)
8º ano do Ens. Fund	12,00%	Recreio (20,80%), Sala de aula (15,40%), Corredores (7,50%)

9º ano do Ens. Fund.	9,20%	Sala de aula (10,80%), Recreio (5,90%), Corredores (4,30%)
2º do Ens. Méd	7,20%	Sala de aula (11,40%), Corredores (2,20%), Imediações (1,60%)
3º do Ens. Méd	5,70%	Sala de aula (7,60%), Imediações (3,80%), Recreio (1,10%)

*O tempo de referência para as respostas é de duas semanas

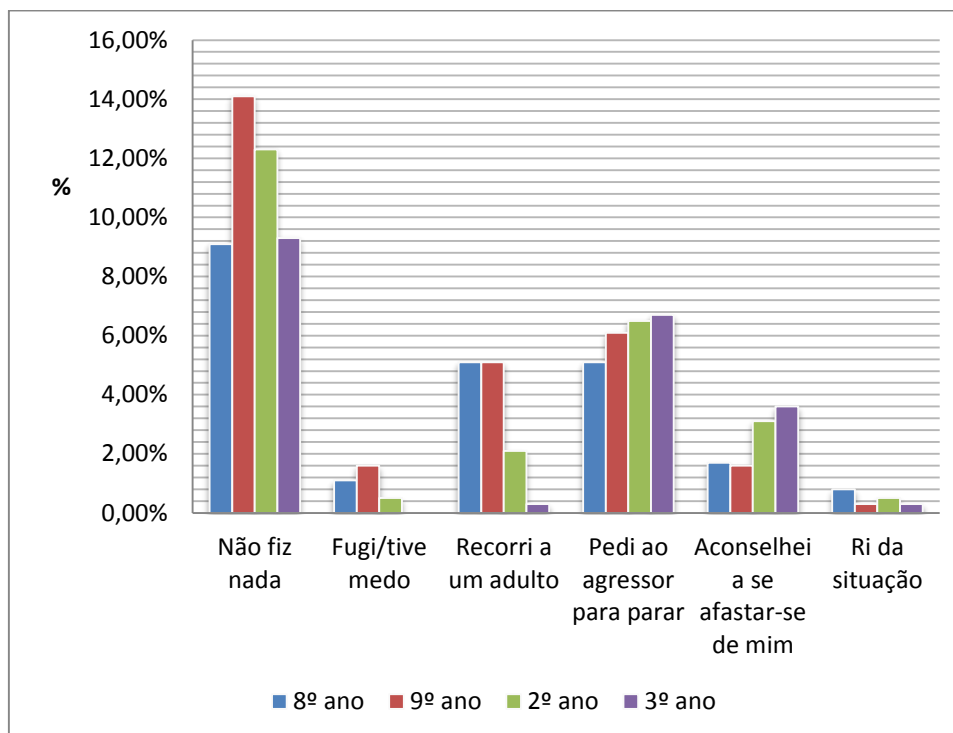
Teste Qui-Quadrado $\chi^2= 75,550 / p=0,0001$

Teste de correlação de Pearson $r= -0,341 / p=0,0001$

Os locais nos quais os alunos mais sofreram atos violentos em todas as séries estudadas, com exceção do 8º ano do ensino fundamental, foi predominantemente as salas de aulas como lugar mais frequente para os agressores fazerem as suas vítimas (Tabela 3).

De maneira geral, as respostas mais lembradas pelos participantes da pesquisa sobre os locais onde as situações de violência mais ocorreram foram as salas de aula (38,40%), seguido dos corredores da escola (13,00%), recreio (11,40%) e as imediações da escola (10,80%). Salienta-se que nos pátios e nas salas de aula, por mais que haja funcionários e professores, o *bullying* ocorre de forma camuflada em várias situações, o que dificulta intervenções, principalmente quando o profissional em questão naturaliza tais situações.

Fante (2005) e Lopes Neto (2005) constataram que as condutas de *bullying* foram praticadas com maior intensidade nas salas de aula. Entretanto, Pereira (2002) destacou os momentos de recreio, visto a alta intensidade com que o *bullying* se manifestava nestes lugares nas escolas portuguesas. Vale ainda apontar que Pizarro e Jiménez (2007) identificaram o próprio bairro como local de maior incidência, seguido por ambientes do espaço escolar.



Teste Qui-Quadrado $X^2=40,886$ $p=0,042$

Figura 2 - Distribuições das Reações de Alunos Vítimas aos Atos Violentos na Escola por série - Grande Aracaju, 2012-2013

Na análise relativa às reações que tiveram os alunos que sofreram atos violentos na escola percebeu-se que revidar, de fato não é a principal reação de uma vítima de *bullying*, uma vez que Lopes (2005) aponta que a vítima típica, em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying* (Figura 2). Esse fato foi confirmado através da categoria “não fiz nada”. Um comportamento pacífico que, além de favorecer e estimular a repetição da violência esconde a própria ocorrência do *bullying*, preservando, conseqüentemente, a identidade dos agressores.

Um comportamento que foi secundariamente mais frequente, foi “recorrer a um adulto”, principalmente entre os estudantes de ensino fundamental. A prevalência do comportamento “Pedir ao agressor para parar” foi mais frequente quanto maior o ano escolar dos sujeitos. Ao que parece, à medida que os alunos avançam na escolaridade, apresentaram também comportamentos mais assertivos, devido ao aumento de sua competência social.

Outros estudos investigativos sobre *bullying* com adolescentes devem ser realizados, com caráter longitudinal visando verificar a tendência desses comportamentos do início ao final da adolescência.

Sugere-se a implementação de medidas preventivas na sala de aula e na escola visando a melhoria do clima relacional, bem como promover a formação de pais ou encarregados de educação nesta área.

Conclusão

Reduzir a prevalência de *bullying* nas escolas pode ser uma medida de saúde pública altamente efetiva para o século XXI. A sua prevalência e gravidade compelem os pesquisadores a investigar os riscos e os fatores de proteção, associados com a iniciação, manutenção e interrupção desse tipo de comportamento agressivo. Os conhecimentos adquiridos com os estudos devem ser utilizados como fundamentação para orientar e direcionar a formulação de políticas públicas e para delinear as técnicas multidisciplinares de intervenção que possam reduzir esse problema de forma eficaz.

No Brasil, onde o incentivo à melhoria da educação se tornou uma ferramenta socializadora e de desenvolvimento de seu povo, onde grande parte das políticas sociais é voltada para a inclusão escolar, as escolas passaram a ser o espaço próprio e mais adequado para a construção coletiva e permanente das condições favoráveis para o pleno exercício da cidadania.

Promover competências sociais e estratégias de resolução de problemas e de conflitos pode ser um ponto de referência. Ajudar as crianças a lidar com os problemas sociais e a saberem comportar-se assertivamente pode ser um aspecto preventivo muito forte no combate à agressividade e vitimação entre pares em contexto escolar. Esta promoção de competências pode facilitar que as crianças/jovens saibam se “defender”, sem a necessidade de perpetuar os comportamentos agressivos, favorecendo a manutenção de relações sociais de maior qualidade.

REFERENCIAS

ARAUJO, Cora et al . Estado nutricional dos adolescentes e sua relação com variáveis sociodemográficas: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 15, supl. 2, Oct. 2010.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 16, n. 1, June 2012.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 7. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

BLAYA, Catherine. **Violência e Maus-Tratos em Meio Escolar**. Instituto Piaget, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil** : promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. **Resolução nº 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: Ministério da Saúde; 1996.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Contagem Populacional. Características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE; 2010.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus, 2005.

FISCHER, Rosa Maria. (Coord.) **Pesquisa: Bullying** Escolar no Brasil. Relatório Final. São Paulo: CEATS/FIA, 2010. Disponível em: <http://www.aprendersemmedo.org.br/docs/pesquisa_plan_relatorio_final.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2013.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A.M.V.; FERREIRA., A.N.A. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico — um questionário aferido para a população escolar portuguesa. CIEEd - Universidade do Minho. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n 2, p. 157-183, 2006.

GROSSI, P. K.; SANTOS, A. M. Desvendando o fenômeno *bullying* nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brasil. **Revista Portuguesa de Educação**, v.22, n.2, p. 249 - 267, 2009.

LIANG H; FLISHER AJ; LOMBARD CJ. *Bullying*, violence, and risk behavior in South African school students. **Child Abuse Negl.** 2007;31:161-71.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria** (Rio de Janeiro), v. 81, n. 5, 164-172, 2005.

MEHTA, Sharmila B.; CORNELL, Dewey; FAN, Xitão; GREGORY, Anne. *Bullying* Climate and School Engagement in Ninth-Grade Students. **Journal of School Health**, v. 83, n. 1, 2013.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying**: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 87, n. 1, Feb. 2011.

NANSEL, T. R., OVERPECK, M., PILLA, R. S., RUAN, W. J., SIMON-Morton, B., SCHEIDT, P. *Bullying* behaviors among US youth: Prevalence and association with psychosocial adjustment. **Journal of the American Medical Association**, v. 285, n. 16, 2094–1200, 2001.

NETO A. A., SAAVEDRA L. H. **Diga NÃO para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRÁPIA; 2004.

OLWEUS, Dan. **Bullying in schools**: What we know and what we can do. Oxford, Blackwell, 1993.

PEREIRA B.O. **Para uma escola sem violência**: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Imprensa Portuguesa, 2002.

PIZZARO, H.C, JIMENEZ M.I. Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. **RevEduc**, v. 31, n. 1, 2007.

PRODÓCIMO, E.; SILVA, R. G. C.; MIGUEL, R. S.; RECCO, K. V. Meninas também agredem? Estudo sobre agressão entre escolares. **Educação em Foco**, 15, 59-76, 2010.

SHARP, S.; SMITH, P. K. *Bullying* in UK schools: The DES Sheffield *Bullying* Project. **Early Childhood Development and Care**, 77, 47-55, 1991.

SMITH, P. K.; MADSEN, K. C.; MOODY, J. C. What cause the age decline in reports of being bullied at school? Towards a developmental analysis of risks of being bullied. **Educational Research**, 41 267-285, 1999.

UNNEVER, J.; CORNELL D. The culture of *bullying* in middle school. **Journal School Violence**; v. 2, n. 2, 2003.

4.2 ARTIGO 2 - SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR E ATITUDES DOS OBSERVADORES NA PROBLEMÁTICA DO *BULLYING*

Artigo submetido à Revista Latino-Americana de Enfermagem

Situações de violência escolar e atitudes dos observadores na problemática do *bullying*

Objetivo: o objetivo foi analisar a prevalência de alunos que testemunham situações de violência escolar, com identificação de atitudes desses observadores na problemática do *bullying* em Nossa Senhora do Socorro, Sergipe. Método: foi utilizada metodologia de natureza quali-quantitativa. Foi aplicado Questionário de Violência entre Pares, em escolas da rede estadual. Resultado: A maioria dos sujeitos da pesquisa testemunham situações de violência (51,4%). As principais reações das vítimas de *bullying*, e dos que presenciaram alguma situação

de agressão foi não revidar (42,6%), pedir ao agressor para parar (21,8%) e recorrer a um adulto (12,87%). Conclusão: as vítimas foram apoiadas positivamente pelos observadores quando o agressor era principalmente do sexo masculino, mais velho e integrado na mesma turma. O apoio ao agressor ocorreu quando maus-tratos foram perpetuadas por indivíduos mais velhos, do género masculino e pertencentes a outra turma. Concluiu-se que os observadores ainda não constituem uma rede de amparo, envolvendo-se passivamente no término do *bullying*.

Descritores: *Bullying*; Adolescente; Epidemiologia.

Descriptors: *Bullying*; Adolescent; Epidemiology.

Descriptores: Acoso Escolar; Adolescente; Epidemiología.

Introdução

O comportamento da criança é fruto de seu processo de socialização que se inicia na família e vai se expandindo por todo o seu desenvolvimento. A escola, por sua vez, é um dos principais ambientes responsáveis por este processo, deste modo, deve-se estar atento à qualidade de relações que as crianças estabelecem nos grupos de iguais e que podem ser potencializadoras das competências e habilidades sociais positivas, ou agregadoras de comportamentos inadequados ou desviantes⁽¹⁾.

Especialmente na escola, comportamentos inadequados podem se configurar como *bullying*, termo que não tem uma tradução para a língua portuguesa significa uma forma de violência entre iguais. Ocorre quando um indivíduo é exposto repetidamente a ações negativas por parte de outro indivíduo ou grupo. O *bullying* pode ser classificado como direto, representado por agressões físicas, roubo ou dano de pertences, apelidos, gestos ofensivos e agressões verbais; ou indireto perpetrado geralmente, quando a vítima não está presente, como espalhar rumores pejorativos, excluir socialmente e/ou adotar atitudes de indiferença diante do indivíduo⁽²⁾.

A maioria dos estudantes não se envolve diretamente com o *bullying*, mas geralmente se calam por medo de ser o próximo, por não saber como reagir ou por receio que as autoridades da escola descreiam do fato. Esse clima de silêncio acarreta na afirmação do poder dos autores, o que ajuda a ocultar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos⁽³⁾.

O "observador" refere-se em pesquisas *Anti-Bullying*, aos jovens que estão envolvidos num determinado contexto de maus-tratos, mas que não são nem os agressores ou as próprias vítimas⁽⁴⁾. Um estudo na cidade do Rio de Janeiro apontou que cerca de 80% dos alunos não aprovam os atos de *bullying*⁽³⁾. Nesse contexto, grande parte das testemunhas sente empatia pelos que são vítimas, condena o comportamento dos agressores e querem que haja alguma intervenção eficaz por parte dos responsáveis pela ação educativa.

Na maioria dos incidentes de *bullying* - até 90% das vezes – os colegas e funcionários das escolas presenciam situações de *bullying*, no entanto, por exemplo, os professores tendem a camuflar/ocultar os casos, como a exclusão social e intimidação⁽⁵⁾. Alguns efeitos negativos dos que observam o *bullying* são conhecidos por incluir aumento da ansiedade, classificações mais baixas do ambiente de aprendizagem e, talvez o mais preocupante: observar a vitimização de outros colegas podem ter um impacto negativo significativo sobre vários indicadores de saúde mental (como os níveis de depressão, hostilidade e paranoia)⁽⁶⁾.

Além desses fatores, são comuns os efeitos negativos associados com queixas psicossomáticas (por exemplo, dores de cabeça e dores abdominais), juntamente com níveis mais baixos de realização acadêmica e funcionamento social⁽⁷⁾. A literatura tem apontado que os observadores tem papel fundamental na redução da violência escolar, conhecida como *bullying*⁽⁸⁾.

A escassez de estudos que demonstrem a percepção dos observadores de *bullying* sobre os locais de ocorrência, as atitudes dos que testemunham situações de violência, perfil das vítimas e agressores, faz com que o presente estudo se justifique para planejamento de políticas que possam ser mais efetivas. Outro ponto é que entender essa problemática em um município da Grande Aracaju, na Região Nordeste do Brasil, foi de fundamental importância, diante da proximidade da capital, podendo ao mesmo tempo possuir características diferenciadas no seu aspecto sócio-demográfico, deste município, o que pode suscitar ações também diversas.

O objetivo deste estudo foi analisar a prevalência de alunos que testemunharam situações de violência escolar, com identificação de atitudes desses observadores na problemática do *bullying* no município de Nossa Senhora do Socorro, Sergipe.

Metodologia

Estudo transversal de natureza quali-quantitativa, desenvolvido no período de agosto de 2012 a setembro de 2013. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Tiradentes/SE (protocolo nº 251211), sendo o material aqui apresentado fruto de pesquisa original. Participaram 306 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 13 e 20 anos, alunos de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental e 2º e 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas estaduais do município de Nossa Senhora do Socorro, Sergipe, considerando o cálculo amostral de acordo com a fórmula de Barbetta⁽⁹⁾.

Foram selecionadas nove escolas estaduais das vinte e sete escolas com ensino Fundamental e Médio no município de Nossa Senhora do Socorro, Sergipe, por processo de amostragem aleatória estratificada segundo a proporção de alunos nas escolas. Em cada escola uma turma do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental e 2º e 3º ano do Ensino Médio foi escolhida por sorteio aleatório, sendo selecionados 154 alunos do Ensino Fundamental e 152 do Ensino Médio, totalizando 306 alunos selecionados.

Foram incluídos todos os adolescentes presentes nas salas de aula que aceitaram em participar do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis. Foram excluídos os alunos que não responderam a 10% ou mais das questões.

Foi utilizado um questionário desenvolvido na Universidade de Lisboa⁽¹⁰⁾ e validado no Brasil⁽¹¹⁾ que tem como objetivo identificar alunos agressores, vítimas e observadores frequentes de situações de maus-tratos. Trata-se de um questionário autoaplicável, dividido em 3 partes, além da caracterização dos sujeitos. A primeira parte contém questões que envolvem o alvo das agressões, na segunda, as mesmas questões são dirigidas ao observador e na terceira, ao agressor. Cada sujeito pode se assumir como vítima, caso tenha sofrido algum tipo de agressão, como observador, caso tenha presenciado algum fato, e também como autor, caso tenha agredido algum colega. O tempo de referência para as respostas é de duas semanas, ou seja, se nas últimas duas semanas anteriores à aplicação do questionário o sujeito foi agredido, observou ou agrediu alguém.

A coleta de dados foi realizada por quatro aplicadores previamente treinados, entre abril e agosto de 2013. Os pesquisadores explicaram os objetivos do estudo a todos os alunos presentes em sala de aula. Foram administrados os questionários a todos aqueles que aceitaram participar da pesquisa com a devolução dos termos de consentimento. O instrumento foi respondido em sala de aula, individualmente, de forma confidencial e anônima, sob supervisão dos aplicadores.

Foram realizadas análises de distribuição de frequência e análises bivariadas com aplicação de teste de correlação de Pearson e teste qui-quadrado. Utilizou-se o teste Monte Carlo para verificar a associação linear entre a faixa etária e o número de vítimas apontado pelos sujeitos. Nos resultados em que as suposições do teste qui-quadrado não foram atendidas utilizou-se o Teste V-Cramer para verificar o grau da associação, considerando como efeito

pequeno quando $r=0,1$, médio $r=0,3$ e grande $r=0,5$. Valores de p menores de 0.05 foram considerados indicativos de significância estatística.

Resultados

Participaram do estudo 306 adolescentes, com idade média de 15,80 (DP= 1,6 anos), sendo 63% do sexo feminino e 36,9% do sexo masculino. Um percentual representativo de alunos vivenciou experiências de reprovação escolar (41,8%).

A maioria dos alunos (67,7%), disse ter pais/responsáveis que vivem na mesma casa. Quanto ao estado civil, 42,5% disseram ter pais/responsáveis casados, 34,8%, separados e 22,7%, distribuídos entre solteiros, viúvos e outros estados civis. A maioria dos pais não completou o ensino fundamental (46,1%) e apenas 23,5% havia concluído o ensino médio, enquanto que 27,5% das mães terminaram o ensino médio e 13,1% completaram o ensino fundamental ($\chi^2= 318,441$; $p=0,001$). Com relação ao número de irmãos, 91,2% têm irmãos, sendo 44,8% de um a dois irmãos e 46,1% mais que três irmãos.

Mais da metade dos alunos testemunhou situações de violência (51%), e aproximadamente 18% deles disseram ter visto cenas de violência com frequência. Dentre o total dos estudantes pesquisados, 22% foram vítimas e 27% dos alunos atuaram como agressores, sem diferença significativa entre os sexos ($p>0,05$). Foram observados maior número de situações de *bullying* nos anos iniciais e com o avançar do ano escolar (após o 9º ano) as situações de violência diminuem ($p< 0,015$). Houve redução de maus tratos com o aumento da idade (Teste de Monte Carlo para associação linear = 3,951; $p = 0,047$; IC=(0,043-0,051) (Tabela1).

Tabela 1- Distribuição dos alunos participantes segundo o fato de terem observado de situações de violência escolar, de acordo com a faixa etária - Nossa Senhora do Socorro, SE, Brasil, 2013.

Faixa etária	Sim	Não	Total
--------------	-----	-----	-------

13-14	45 (16,5%)	28 (10,3%)	73 (26,7%)
15-16	48 (17,6%)	53 (19,4%)	101 (37%)
17-18	43 (15,8%)	39 (14,3%)	82 (30%)
19-20	5 (1,8%)	12 (4,4%)	17 (6,2%)
Total	141 (51,6%)	132 (48,4%)	273 (100%)

Teste Qui-Quadrado $\chi^2 = 24,408 / p = 0,0001$
Monte Carlo $p = 0,047$; IC=(0,043-0,051)

Indagados sobre as formas de agressão mais observadas, os sujeitos desse estudo apontaram o *bullying* verbal em maior frequência (59,1%) (e.g. “gozos”, “ameaças”, “ofensas”), seguido do *bullying* físico (26,2%) (e.g. “bater”, “empurrão”, “contusão”). Relativamente outras formas de vitimação, há ainda a considerar que alguns sujeitos passam por situações do tipo: “Tirar coisas” (2,80%); “Ameaças” (8,30%); “Estragar objetos pessoais ou suas roupas” (3,00%). Comparativamente ao sexo masculino (27%), as meninas (43%) apresentaram frequência maior de comportamentos violentos ligados, na ótica do observador, a Exclusão Social e Agressão Verbal.

Ao analisar os locais em que os alunos mais observam atos violentos, os alunos do Ensino Médio (2º e 3º ano), declaram a “sala de aula” como local de maior ocorrência de maus-tratos (7,30% e 6,50%, respectivamente). No 9º ano predominaram as respostas dos que apontaram o “recreio” como lugar ideal para os agressores fazerem as suas vítimas (11,30%). Entre os alunos do 8º ano, houve um predomínio de dois principais locais onde foram observadas situações de *bullying* na sala de aula (9,70%) e nos recreios (9,70%). Os corredores e as imediações da escola também se destacam como espaços de ocorrência destas situações (16,1% e 8,9%) ($\chi^2 = 47,37 / p = 0,0001$).

Entre os alunos que observaram alguma ocorrência de maus tratos, verificou-se que revidar, de fato não foi a principal reação de um alvo de *bullying*. Os dados revelaram que a atitude mais frequente daqueles que presenciam alguma situação de agressão, é de “não fazerem nada” (45,70%), não havendo diferenças significativas entre os anos escolares pesquisados

($p=0,74$). Não obstante, o “pedir ao agressor para parar” (21,30%) é visualizada em mais de 20% dos observadores, seguido do “recorrer a um adulto” (13,40%) ($\chi^2= 1,15 / p=0,74$).

Apesar de grande parte dos espectadores de *bullying* não fazer nada para minimizar esta situação, cerca de 80% deles não aprovam os atos de *bullying*. Grande parte dos observadores sente simpatia pelas vítimas, tende a não culpá-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores intervenham mais efetivamente (76%).

Em uma das questões abertas que buscava a opinião dos alunos sobre o que poderia ou deveria ser feito para ajudar quem sofre maus tratos na escola, após o agrupamento das respostas em categorias de análise constatou-se que, 20% dos alunos acreditam que falar com a direção, inspetores, pais, professores e polícia seriam suficientes para ajudar as vítimas. Já, 13,60% dos alunos apontaram que expulsar o agressor da escola resolveria o problema, e apenas 7,30% ressaltaram que a direção e os funcionários deveriam ser mais atentos com os maus tratos.

Abaixo seguem algumas respostas ilustrativas dos observadores à questão: o que você acha que poderia ou deveria ser feito para ajudar quem sofre os maus tratos na escola? (E1) *Depois do que aconteceu comigo eu acho que nada, falei com professores, diretores, amigos e nada mudou. Ontem me maltrataram na sala de aula. A professora briga, mas depois volta tudo. Só basta rezar e mais nada.* (E2) *Eu não sei. Eles são chamados (à) atenção, ficam de castigo, mas não adianta nada.* (E3) *Os filhos deveriam falar para os seus pais sobre os maus tratos, porque não adianta muito falar para a diretora ou professora.*

Existe uma associação forte entre as razões dos agressores e as atitudes dos observadores, isto é, pode-se referir que as atitudes dos observadores se diferenciam em face de diversas razões de perpetuidade de agressão (Tabela 2), Os relatos revelam as atitudes passivas dos observadores face à “brincadeiras”, “reações a provocações” e de “irritação” dos agressores, ao invés de tomarem uma atitude de “pedir ao agressor para parar” quando este “reage a provocações. Todavia, ainda face a “brincadeiras” dos agressores, existem atitudes como “recorrer a um adulto”, “pedi ao agressor para parar” e “aconselhar a vítima afastar-se do

agressor”. A atitude de “recorrer a um adulto” não foi verificada, em situações de “reação ao provocador” (Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição de frequência das atitudes dos observadores de acordo com às razões dos agressores- Nossa Senhora do Socorro, SE, Brasil, 2013.

Atitudes do observador	Vingança	Defesa de outros colegas	Desprezo	Brincadeiras	Reação a provocação	Irritação
Não fiz nada	1 (2,0%)	2 (3,9%)	1 (2%)	16 (31,4%)	7 (13,7%)	3 (5,9%)
Recorri a um adulto	1 (2,0%)	2 (3,9%)	2 (3,9%)	4 (7,8%)	0 (0,0%)	1 (2,0%)
Pedi ao agressor para parar	1 (2,0%)	3 (5,9%)	0 (0,0%)	5 (9,8%)	0 (0,0%)	1 (2,0%)
Aproximei-me para ver	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (3,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Aconselhei-a a afastar-se do agressor	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (3,9%)	2 (3,9%)	1 (2,0%)
Ri da situação	1 (2,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Apoiei o agressor	1 (2,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (3,9%)	1 (2,0%)	1 (2,0%)
Outra	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (2,0%)	0 (0,0%)	1 (2,0%)
Total	5 (9,8%)	7 (13,7%)	3 (5,9%)	32 (62,7%)	10 (19,6%)	8 (15,7%)

Phi = 0.732; VCramer = 0.717; $p=0,001$

Pode-se considerar a existência de uma associação positiva entre as atitudes dos observadores e as características dos agressores (Tabela 3). Observou-se que as vítimas são auxiliadas positivamente pelos observadores, quando o agressor é do sexo masculino; mais velhos e estão integrados na mesma turma ($p=0,001$), considerando as atitudes “pedir ao agressor para parar” (a agressão), “apoiar o agredido” e “aconselhei-a a afastar-se do agressor” (Tabela 3). Pôde-se também observar que a atitude de “apoiar o agressor” por parte dos observadores é considerada, quando as agressões são perpetuadas por indivíduos mais velhos, do sexo masculino e pertencentes a outra turma de outro ano (V de Cramer ($p=0,001$)) (Tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição de frequência das atitudes dos observadores em relação às características dos agressores - Nossa Senhora do Socorro, SE, Brasil, 2013

Atitudes do observador	Idade*			Sexo**		Pertença dos agressores***		
	Mais velhos	Mais novos	Da mesma idade	Masc.	Fem.	Da sua turma	De outra turma do mesmo ano	De outra turma de outro ano
Não fiz nada	3 (2,6%)	0 (0,0%)	11 (9,4%)	9 (7,7%)	6 (5,1%)	4 (3,40)	11 (9,4%)	3 (2,6%)
Recorri a um adulto	7 (6,0%)	0 (0,0%)	3 (2,6%)	5 (4,3%)	5 (4,3%)	0 (0,0%)	2 (1,7%)	3 (2,6%)
Pedi ao agressor para parar	6 (5,1%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	4 (3,4%)	3 (2,6%)	6 (5,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Aproximei-me para ver	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Aconselhei-a a afastar-se do agressor	1 (0,9%)	0 (0,0%)	3 (2,6%)	2 (1,7%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Ri da situação	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Apoiei o agredido	1 (0,9%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	4 (3,4%)	0 (0,0%)	8 (6,8%)	0 (0,0%)	2 (1,7%)
Apoiei o agressor	6 (5,1%)	1 (0,9%)	1 (0,9%)	5 (4,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	4 (3,4%)
Outra	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	0 (0,0%)	1 (0,9%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)

*VCramer = 0.461, $p=0,001$; **VCramer = 0.455, $p=0,001$; ***VCramer = 0.781, $p=0,001$

Discussão

Foi observado que mais da metade dos sujeitos deste estudo já foi testemunha de alguma forma de agressão entre os alunos da escola, sendo esta prevalência maior em comparação a outros estudos⁽¹²⁻¹³⁾. Isto sugere que talvez a ocorrência dessa vitimação possa ser maior que os dados encontrados, e que o medo de se auto denominarem “agressores” ou “vítimas” pode fazer com que não respondam com sinceridade às questões propostas. O *bullying* verbal foi o mais frequente neste estudo, corroborando investigações anteriores⁽¹⁴⁾.

As meninas apresentaram resultados mais elevados na dimensão Observador - Exclusão Social e Agressão Verbal, o que mostra existir uma maior tendência para elas estarem mais

envolvidas em situações de agressão indireta ou verbal e os meninos em situações de agressões físicas corroborando estudo anterior realizado em Lisboa, Portugal⁽¹⁰⁾.

Neste estudo a violência escolar foi frequente dentro dos estabelecimentos de ensino, de acordo com os sujeitos desta pesquisa. As situações de violência ocorreram principalmente nos meados da adolescência, com maior número de situações de *bullying* nos anos iniciais e redução com o avançar do ano escolar e idade. A literatura aponta que o decréscimo no número de vítimas conforme aumenta a escolaridade seja devido ao aumento da competência social dos alunos, juntamente com a diminuição da vulnerabilidade às situações de maus tratos. Conjuntamente, esses dados poderiam justificar essa queda nos índices de vitimização encontrada nos participantes desse estudo⁽¹⁵⁾.

A defesa do comportamento agressivo pelo observador tende a diminuir com a idade, como também há a menor probabilidade de simpatizar com as vítimas ou a intervir em seu nome⁽¹⁶⁾. Assim, o relacionamento entre os colegas parece ser mais importante para os estudantes mais velhos, cujo potencial de proteção para com os colegas pode ser inibido pelas expectativas e normas de seu grupo. As crianças com idade inferior a nove anos não haviam sido afetados por esta "inibição social" contra a ajuda. Os estudantes que haviam superado essas pressões e defendiam as vítimas tendenciavam a ter status social elevado e ser bem querido pelos colegas. Eles também eram mais empáticos, emocionalmente estáveis e cognitivamente crianças com um bom desenvolvimento⁽⁴⁾.

A maioria dos alunos afirmou gostar do relacionamento com os colegas e do ambiente escolar, apesar dos relatos de situações percebidas de violência escolar. Talvez, por serem episódios isolados e predominantemente verbais, e não físicos, não afetaram a avaliação positiva que os alunos fizeram da escola e do relacionamento com seus colegas. Os altos índices de avaliações positivas em conjunto com os índices de vitimização abrem perspectivas para que, quando as crianças apresentam comportamento agressivo orientado para objetivos

socialmente aceitos não sejam percebidos negativamente como foi apontado num estudo realizado com escolares do Estado de São Paulo⁽¹⁷⁾.

O repúdio às práticas agressivas também foi frequente entre os estudantes, no entanto, intervir foi a conduta menos verificada⁽¹⁸⁾. Apontaram que “não fazer nada”, “não se envolver” e somente “observar” poderiam ser indicadores mais representativos que conduz ao afastamento, fazendo com que os observadores passem a observar apenas os incidentes de agressão sem intervirem. No presente estudo foi observado que os observadores que não se envolvem representou a maior parte de alunos, dentro do grupo de testemunhas.

O medo de tornar-se a próxima vítima do *bullying* faz com que o silêncio predomine, deixando para as próprias vítimas ou autoridades as providências e iniciativas necessárias para o controle, combate e prevenção ao fenômeno. Esse clima de silêncio pode ser interpretado como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos. Em outros casos, os observadores apoiam e incentivam as agressões. Ainda que internamente não estejam de acordo com a postura dos agressores, compartilham falsamente do mesmo sentimento para se estabelecerem perante o grupo, e por isso, tornam-se autores de *bullying*⁽³⁾.

Na verdade, falta a eles compreender a dimensão dos seus comportamentos. Calar-se diante das agressões presenciadas é tão grave e reprovável quanto o próprio estímulo à violência. Configura uma espécie de manifestação de apoio aos autores do *bullying* (já que estes entendem o silêncio como aprovação de suas condutas) ou, ainda, a própria corresponsabilidade do observador pela violência desferida contra a vítima⁽¹⁹⁾.

O fato é que, quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, essas ações são efetivas na maioria dos casos. Mesmo que o comportamento *bullying* continue, a experiência subjetiva de uma vítima que tem um ou mais adeptos entre os pares é provavelmente

muito diferente de uma vítima que não tem ninguém em seu lado. Portanto, é importante incentivar o uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores de *bullying* se sintam sem o apoio social necessário⁽²⁰⁾.

Na presente pesquisa os locais onde mais ocorreram atos de violência, no geral, segundo as respostas mais lembradas pelos observadores foram as salas de aula, os recreios, os corredores e as imediações da escola. Salienta-se que nos pátios e nas salas de aula, por mais que haja funcionários e professores, o *bullying* ocorre de forma camuflada em várias situações, o que dificulta intervenções, principalmente quando o profissional em questão naturaliza tais situações.

A conduta de *bullying* tem sido praticada com maior intensidade nas salas de aula⁽²¹⁾. Os momentos de intervalo têm sido visto como local de alta ocorrência nas escolas portuguesas, especialmente no Ensino Fundamental⁽²²⁾. Em outro estudo em San José, Costa Rica com alunos dos níveis de 6ª a 8ª série foi identificado como locais de grande incidência de *bullying* o próprio bairro, seguido por ambientes do espaço escolar⁽²³⁾.

Interessante também é examinar as razões que levam os agressores à perpetuação de situações de vitimação. Foram relatadas neste estudo, em sua maior parte, atitudes passivas dos observadores face principalmente as “brincadeiras”, “reações a provocações” e de “irritação” dos agressores, ao invés de tomarem uma atitude de “pedir ao agressor para parar” quando este “reage a provocações. Parecem ignorar, desvalorizar ou recusar conhecer as intensas feridas emocionais que este fenômeno pode provocar naqueles a quem se agride. Todavia, ainda face a “brincadeiras” dos agressores, existiram aqueles, embora em menor percentual, que tomaram outro tipo de atitudes como “recorrer a um adulto” “pedi ao agressor para parar” e “aconselhar a vítima afastar-se do agressor”.

Como consequências, as relações positivas de amizade ficam comprometidas, valorizando-se aquelas que não são socialmente satisfatórias. Ou seja, os agressores têm atitudes positivas com a violência e a percepção de competência social parece ser construída com base no domínio sobre os outros e no protagonismo social que as condutas agressivas lhes proporcionam⁽²⁴⁾.

As atitudes dos observadores em relação às características dos agressores foram também, consideravelmente, passivas. Principalmente quando os agressores são integrados na mesma turma que as vítimas. A atitude apática dos responsáveis pela ação educativa e a não repreensão dos alunos provocadores pelos mesmos (até mesmo pelos professores) podem levar os alunos a acreditarem no princípio de que este apoio é escasso, remoto, quase negligente. Revelou-se, no ponto de vista destes alunos, incapacidades destes agentes mais adultos tenderem para a resolução imediata de conflitos entre pares ao invés de uma política anti-*bullying* mais duradoura.

Atitudes relativamente simples de respeito e de afeto por parte do professor podem ser muito positivas e podem contribuir para a diminuição da violência no ambiente escolar. O apoio dado às vítimas pelos professores também poderá ser manifestado, sem que o mesmo seja do conhecimento dos outros alunos (observadores).

Outro aspecto que merece atenção, diz respeito aos alunos que, após terem tentado ajuda junto aos profissionais da escola, e verificarem que tiveram dificuldades em auxiliá-los, não veem mais alternativas para resolver este problema. Tais dificuldades não estão ligadas somente ao descaso em resolver os conflitos, mas supõe-se que haja falta de informações e recursos para os profissionais da educação lidar com as distintas formas de violência. Daí a importância de trazer as discussões sobre tal assunto para o meio acadêmico, escolar e demais segmentos sociais, afim de que avanços e respostas possam ser oferecidos a toda sociedade.

O assédio moral e papel vitimização pode ser mais visível para os próprios funcionários da escola (professores, administradores e psicólogos escolares), portanto, há uma necessidade de uma maior consciência de que episódios de *bullying* existem e envolvem várias pessoas em várias funções, incluindo um grande número de alunos que testemunham esses episódios. É relevante que os responsáveis pela ação possam trabalhar com os alunos que testemunham o *bullying*, para identificar e planejar estratégias comportamentais positivas para combater o *bullying*, promover a empatia ou a construção de forças pessoais e interpessoais para que eles possam assumir o papel de "defensor" ao invés de "não fazer nada".

Como estratégia de intervenção frente a esse problema, a equipe de gerenciamento escolar poderia considerar a sua política pedagógica a favor da diversidade. Histórias de vida se inter cruzam diariamente no contexto escolar envolvendo situações de violência, exigindo de todos nós uma posição e uma atitude proativa a combater essa problemática, que nem sempre é reconhecida pela instituição. A negação deste problema, baseia-se no desconhecimento, que pode estar ligado a uma subestimação da importância das violências mais tênues na experiência das vítimas na escola⁽²⁵⁾.

CONCLUSÃO

Com base num conjunto de resultados, foi verificado que os observadores ainda não constituem uma rede firme na redução de situações de *bullying*, embora não se deixa de acreditar no seu fundamental papel no término deste fenômeno. Precisa-se criar normas para o local de trabalho, escola e a comunidade segundo as quais, a agressão aos outros seja inaceitável, não em função de leis rígidas ou punição, mas sim, por empatia e preocupação uns com os outros.

Referências

1. Pereira B, Silva MI, Nunes B. Descrever o *bullying* na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev. Diálogo Educ.* 2009; 9 (28): 455-66.
2. Fuentes MCP, Linares JJG. Variables relacionadas con la conducta violenta en la escuela según los estudiantes. *J PsycholPsycholTher.* 2010; 10 (3):427-37.
3. Neto AA, Saavedra LH. Diga NÃO para o *Bullying*. ABRAPI; 2004.
4. Salmivalli, C. *Bullying* and the peer group: A review. *Aggression and Violent Behavior.* 2010; 15: 112–20.
5. Reid P, Monsen J, Rivers I. Psychology's contribution to understanding and managing *bullying* within schools. *Educational Psychology in Practice.* 2004; 20: 241–58.
6. Rivers I, Poteat VP, Noret N, Ashurst N. Observing *bullying* at school: The mental health implications of witness status. *School Psychology Quarterly.* 2009; 24 (4):211–23.
7. Fekkes M, Pijpers F., Verloove-vanhorick, S. *Bullying*: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in *bullying* behavior. *Health Education Research.* 2005; 20, 81–91.
8. Hutchinson, M. Exploring the Impact of *Bullying* on Young Bystanders. *Educational Psychology in Practice.* 2012; 28 (4):425-42.
9. Barbetta, PA. *Estatística aplicada às ciências sociais.* 7. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; 2010.
10. Freire, IP, Veiga Simão, AM, Ferreira, A. O estudo da violência entre pares no 3º Ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação.* 2006; 19 (2):157-83.
11. Prodócimo, E, Silva, RGC, Miguel, RS, Recco, KV. Meninas também agredem? Estudo sobre agressão entre escolares. *Educação em Foco.* 2010; 15: 59-76.

12. Pardo, ISS, Lima, NNS, Santucci, V, Martinez, J. A escola é um lugar seguro? Prevalência de *bullying* em uma amostra de estudantes de ensino médio público de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba. 2013; 14(3).**
13. Brito CC, Oliveira MT. *Bullying* e autoestima em adolescentes de escolas públicas. J. Pediatr. (Rio J.). 2013; 89(6):601-607.
14. Matos, MG, Simões, C, Gaspar, T. Equipa do Projecto Aventura Social. Violência entre pares no contexto escolar em Portugal, nos últimos 10 anos. Revista Interações. 2009; 5 (13): 98-124.
15. Smith, PK, Madsen, K, Moody, J. What causes the age decline in reports of being bullied at school? Towards a developmental analysis of risks of being bullied. Educational Research. 1999; 41 (3): 267-85.
16. Trach, J, Hymel, S, Waterhouse, T, Neale, K. Bystander responses to school *bullying*: A cross-sectional investigation of grade and sex differences. Canadian Journal of School Psychology. 2010; 25 (1):114–30.
17. Sisto, FF. Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. Psicologia em Estudo. 2005; 10 (1): 117-25.
18. Grossi, PK, Santos, A. Desvendando o fenômeno *bullying* nas escolas públicas de Porto Alegre, RS. Revista Portuguesa e Educação. 2009; 22 (2).
19. Lopes Neto, AA. *Bullying*: Comportamento agressivo entre estudantes. J Pediatr. 2005; 81 (5): 64-72.
20. Archambault, I, Janosz, M, Morizot, J, Pagani, L. Adolescent behavioral, affective, and cognitive engagement in school: relationship to dropout. Journal of School Health. 2009; 79 (9):408-15.
21. Fante, C. Fenômeno *bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus; 2005.

22. Pereira BO. Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Imprensa Portuguesa; 2002.
23. Pizzaro, HC, Jimenez MI. Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. RevEduc. 2007; 31(1):135-44.
24. Orpinas, P, Horne, AM. *Bullying* prevention: creating a positive school climate and developing social competence. Washington, DC: American Psychological Association; 2006.
25. Debarbieux, E. Violência na escola: Um desafio mundial? Lisboa: Instituto Piaget; 2007.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, abaixo assinado, responsável pelo menor _____, autorizo a Universidade Tiradentes, por intermédio dos alunos, Andréia Poschi Barbosa Torales, Igor Soares Vieira, Hortencia de Oliveira, José Marcos Melo dos Santos, William Alves de Oliveira e Bruno Felipe de Santana Santos, devidamente assistidos pela coordenadora da pesquisa, **Dra. Cristiane Costa da Cunha Oliveira**, a participar da pesquisa abaixo descrita:

- 1- **Pesquisa:** “Consumo de substâncias psicoativas e aspectos da violência por adolescentes escolares de Aracaju”.
- 2- **Objetivo:** Analisar as concepções e experiências de violência, senso de coerência e uso de substâncias psicoativas entre os adolescentes escolares da Grande Aracaju.
- 3- **Descrição de procedimentos:** A pesquisa envolverá a aplicação dos seguintes instrumentos: Questionário para levantamento sociodemográficos e de condições de violência, escala de níveis do Senso de Coerência(SOC) e o ASSIST. Os aplicadores previamente treinados e aguardarão o preenchimento dos instrumentos que será realizado de forma coletiva no ambiente escolar dos sujeitos.
- 4- **Desconfortos e riscos esperados:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais, talvez, apenas, a lembrança de alguns eventos diante da temática que será abordada, entretanto haverá uma equipe preparada para lidar com a ansiedade e alternativas práticas para realizar essa atividade. Fui devidamente informado dos riscos acima descritos e de qualquer risco não descrito, não previsível, porém que possa ocorrer em decorrência da pesquisa será de inteira responsabilidade dos pesquisadores.
- 5- **Benefícios esperados:** Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o relacionamento entre os alunos nas escolas. No futuro, essas informações poderão ser usadas em benefício de outros jovens. Além disso, a pesquisa levará ao diagnóstico da situação do uso de drogas lícitas e ilícitas por adolescentes no estado de Sergipe, podendo contribuir com soluções adequadas para os adolescentes estudantes de escolas públicas.
- 6- **Informações:** Os participantes têm a garantia que receberão respostas a qualquer pergunta e esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos assuntos relacionados à pesquisa. Também os pesquisadores supracitados assumem o compromisso de proporcionar informações atualizadas obtidas durante a realização do estudo.
- 7- **Retirada do consentimento:** O voluntário tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano ao voluntário.
- 8- **Aspecto Legal:** Elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atende à Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde - Brasília - DF.
- 9- **Confabilidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os questionários da pesquisa serão identificados com um código, e não com o seu nome. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento dos dados. Porém os voluntários assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em congressos e publicações.
- 11- **Quanto à indenização:** Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário.

ATENÇÃO: A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em casos de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tiradentes. Av. Mutilo Dantas, 300 – Farolândia – CEP 49032-490, Aracaju-SE, 79-2182100, ramal 2593.

Aracaju, ____ de ____ de 2012.

ASSINATURA DO VOLUNTÁRIO

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO DE VIOLÊNCIA ENTRE PARES

ESTUDO SOBRE VIOLÊNCIA E ESCOLA

Este questionário destina-se a recolher opiniões dos estudantes acerca de alguns aspectos da vida escolar. É anônimo e a informação recolhida através dele é absolutamente confidencial. A sua colaboração sincera é fundamental para o estudo e compreensão das relações humanas na escola.

Muito obrigado pela sua colaboração!

BLOCO A - Informações sociodemográficos

A. Dados pessoais:

1. Qual sua idade? _____ 2. () Masculino () Feminino
Série/Ano de escolaridade: _____

Você já foi reprovado em alguma série/ano de sua vida escolar () sim () não

2. Qual a cidade e /estado brasileiro onde você nasceu? _____

Se for estrangeiro, especificar o país de nascimento: _____

3. Qual é a profissão do seu pai?

4. Qual é a profissão da sua mãe?

5. Qual o nível de escolaridade do seu pai?

- | | |
|---|---|
| () Não sabe ler nem escrever | () Ensino médio incompleto |
| () Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade | () Ensino médio completo (Concluiu o 3º ano do ensino médio) |
| () Ensino fundamental incompleto | () Ensino Superior |
| () Ensino fundamental completo (Concluiu 8ª Série ou 9º ano) | |

6. Qual o nível de escolaridade da sua mãe?

- () Não sabe ler nem escrever

- Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade
- Ensino fundamental completo (Concluiu 8ª Série ou 9º ano)
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo (Concluiu o 3º ano do ensino médio)
- Ensino Superior

7. Qual a cidade/estado brasileiro que seu pai nasceu? _____

Se for estrangeiro, especificar país de nascimento: _____

8. Qual a cidade/estado brasileiro que sua mãe nasceu? _____

Se for estrangeiro, especificar país de nascimento: _____

9. Seus pais ou responsáveis vivem na mesma casa? Sim Não

10. Qual o estado civil dos seus pais?

1 Casados

2 Divorciados

3 Separados

4 Viúvo(a)

5 União estável

6 Solteiros

11. Você tem irmão (s)?

1 Sim 2 Não

11. Se sim, quantos? _____

1 Mais velhos que você; 2 Mais novos que você;

3 Mais velhos e mais novos que você; 4 Mesma idade que a sua.

12. Com quem você mora?

1 Seus pais

2 Seus pais e irmãos

3 só com sua mãe

4 só com seu pai

5 com mãe e irmãos

6 com pai e irmãos

7 outras

situações _____

13. A cor de sua pele é melhor definida como:

- 1() Branca
2() Preta
3() Parda (moreno)
4() Amarela
5() Indígena

BLOCO B

B- Agora gostaríamos que nos falasse de alguns aspectos importantes da sua vida escolar.

1 . O que você pensa do ambiente da sua escola?

2 . O que você pensa do relacionamento entre os colegas da sua turma?

BLOCO C

C. 1. Nas duas últimas semanas você se sentiu vítima de alguma ou algumas das agressões referidas abaixo, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações?

(Assinale com um X nos parênteses que correspondem às situações de que você foi vítima).

1.1. Empurraram você, com violência
()Sim ()Não

1.2. Ameaçaram você ()Sim ()Não

1.3.Caçoaram/riam de você/humilharam ()Sim ()Não

1.4. Bateram em você ()Sim ()Não

1.5. Foi xingado, chamaram você de nomes ofensivos ()Sim ()Não

1.6. Disseram coisas ruins de você ou da sua família ()Sim ()Não

1.7. Excluíram você do grupo (não quiseram conviver com você) ()Sim ()Não

1.8. Tiraram de você coisas (objetos pessoais, dinheiro) ()Sim ()Não

1.11. Apalpam-lhe contra a sua vontade ()Sim ()Não

1.9. Magoaram você, de propósito (beliscaram com força; feriram com objetos) ()Sim ()Não

1.12. Fizeram intrigas/tramas/fofocas a seu respeito **1**()Sim **2**()Não

1.10. Estragaram objetos pessoais ou suas roupas, de propósito ()Sim ()Não

1.13. Sofreu outros tipos de agressão ou perseguição **1**()Sim **2**()Não

Em caso positivo Quais?

2. Quantas vezes você foi agredido ou perseguido nos últimos 15 dias?

1() 1 vez **2**() 2 vezes **3**() 3 vezes **4**() mais de 3 vezes

3. Em que local ou locais ocorreram essas situações?

1 () sala de aula	5 () espaços de Educação	6 () imediações da escola
2 () recreio	Física(balneários, pavilhão,)	7 () outra
3 () corredores e escadas		Qual? _____
4 () refeitório		

4. Nessas situações, você foi agredido ou perseguido por:

1() 1 pessoa **2**() 2 pessoas **3**() Grupo de pessoas

5. Essas pessoas eram colegas de escola? **1**()Sim **2**()Não

6. Alguma dessas pessoas ou desses grupos **lhe** agrediu ou perseguiu mais do que uma vez nessas semanas?

1() não **2**() sim; 2 vezes **3**() sim, 3 vezes **4**() sim; mais de 3 vezes

6.1. Se sim, ainda continua a ser agredido ou perseguido por essa(s) pessoa(s)?**1**()Sim
2()Não

6.2. A(s) pessoa(s) que **lhe** agrediu/agrediram era(m):

Gênero	Idade	Turma
<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> mais velhos	<input type="checkbox"/> da sua turma
<input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> mais novos	<input type="checkbox"/> de outra turma do mesmo ano
	<input type="checkbox"/> da mesma idade	<input type="checkbox"/> de outra turma de outro ano

7. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)? **1** Sim **2** Não

8. **Se sim**, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

1 Não fizeram nada

2 Fugiram/tiveram medo

3 Recorreram a um adulto

4 Pediram ao agressor para parar

5 Aproximaram-se para ver

6 Apoiaram o agressor

7 Aconselharam a afastar-se do agressor

8 **Riram** da situação

9 Apoiaram o agredido

10 Outra

Qual? _____

BLOCO D

D. 1. Durante as **duas últimas semanas**, você viu alguém ser vítima de alguma ou algumas das agressões referidas abaixo, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações?

(Assinala com um X nos quadrados que correspondem às situações que você observou).

1.1. Empurrar com violência

Sim Não

1.2. Ameaçar

Sim Não

1.3. Caçoar/rir/humilhar

Sim Não

1.4. Bater

Sim Não

1.5. Chamar nomes ofensivos (xingar)

Sim Não

1.6. Dizer coisas ruins de alguém ou da sua família

Sim Não

1.7. Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)

Sim Não

1.8. Tirar coisas (objetos pessoais, dinheiro...)

Sim Não

1.9. Magoar de propósito (beliscaram com força; picaram com objetos...)

Sim Não

1.10. Estragar objetos pessoais ou roupa, de propósito

Se respondeu pelo menos um SIM, siga para a próxima questão. Se todas as suas respostas forem NÃO, pule para o grupo de questões E.

Sim Não

1.11. Apalpar contra a vontade da pessoa

Sim Não

1.12. Fazer intrigas

Sim Não

1.13. Outras agressões ou perseguições

Sim Não

Em caso positivo

Quais? _____

2. O que você fez?/ Que atitude tomou?

1() Não fiz nada

2() Fugi/tive medo

3() Recorri a um adulto

4() Pedi ao agressor para parar

5() Aproximei-me para ver

6() Apoiei o agressor

7() Aconselhei-a a afastar-se do agressor

8() Ri da situação

9() Apoiei o agredido

10 Outra

Qual? _____

3. Onde ocorreram essas situações?

1() Sala de aula

2() Recreio

3() Corredores e escadas

4() Refeitório

5() Espaços de Educação Física(Quadra...)

6() Imediações da escola

8() Outra. Qual? _____

BLOCO E

E. 1. Nas **duas últimas semanas**, na escola ou nas suas imediações, você teve alguma das atitudes ou comportamentos com algum colega abaixo relacionados?

(Assinale com um X nos **parênteses** que correspondem aos comportamentos ou atitudes que você teve).

1.1. Empurrar com violência

1()Sim ()Não

1.2. Ameaçar

1()Sim ()Não

1.3. Caçoar/rir/humilhar

1()Sim ()Não

1.4. Bater

1()Sim ()Não

1.5. Chamar nomes ofensivos (xingar)

1()Sim ()Não

1.6. Dizer coisas ruins de alguém ou da sua família)

1()Sim ()Não

1.7. Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)

1()Sim ()Não

1.8. Tirar coisas (objetos pessoais, dinheiro...)

()Sim ()Não

1.9. Magoar de propósito (beliscaram com força; feriram com objetos, . .)

()Sim ()Não

1.10. Estragar objetos pessoais ou roupas, de propósito

()Sim ()Não

1.11. Apalpar contra a vontade da pessoa

()Sim ()Não

1.12. Fazer intrigas/tramas/fofocas

()Sim ()Não

1.13. Outras agressões ou perseguições

()Sim ()Não

Em caso positivo

Quais? _____

Se respondeu pelo menos um SIM, siga para a próxima questão. Se todas as suas respostas forem NÃO, pule para o grupo de questões F.

2. Quantas vezes você pratica estas ações durante este período de tempo?

1()1 vez

2()2 vezes

3()3 vezes

4()mais de 3 vezes

3. Em qual horário ocorreram essas ações?

1()Antes da aula

4()Após a aula

2()Durante a aula

5()No horário da saída

3()Recreio/intervalo

3. Em que local ocorreram essas situações?

1()sala de aula

3()corredores e escadas

4()refeitório

5()espaços de Educação Física(Quadra....)

6()imediações da escola

7()outra

Qual? _____

4. Estas ações foram praticadas em grupo, com outros colegas ou sozinho?

1() Sozinho

2() Em grupo

5. Ao longo destas duas semanas, você agrediu ou perseguiu algum dos seus colegas mais do que uma vez?

1() Não

2() Sim; 2 vezes

3() Sim, 3 vezes

4() Sim; mais de 3 vezes

6. Ainda você continua a agredir ou a perseguir algum desses colegas?

1() Sim

2() Não

7. Na sua opinião, quais as razões que levam a que você tenha esses comportamentos?

1()vingança

2()defesa de outros colegas

3()desprezo

4()”brincadeira”

5()reação a provocações

6()irritação

7()outra

Qual? _____

8. O que você sente pelos colegas que você agride ou persegue na escola?

1()raiva

2()desprezo

3()pena

4()carinho

5()nada

6()outra

Qual? _____

9. A(s) pessoa(s) que você agrediu ou perseguiu era(m):

Gênero	Idade	Turma
<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> mais velhos	<input type="checkbox"/> da sua turma
<input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> mais novos	<input type="checkbox"/> de outra turma do mesmo ano
	<input type="checkbox"/> da mesma idade	<input type="checkbox"/> de outra turma de outro ano

10. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)?

1 Sim 2 Não

10.1. Se sim, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

1 Não fizeram nada

2 Fugiram/tiveram medo

3 Recorreram a um adulto

4 Pediram ao agressor para parar

5 Aproximaram-se para ver

6 Apoiaram o agressor

7 Aconselharam a afastar-se do agressor

8 Riram da situação

9 Apoiaram o agredido

10 Outra

Qual? _____

11. Você foi castigado por causa dessa ou dessas situações?

1 Sim 2 Não

Se sim, qual foi o castigo?

12. Já alguém lhe ajudou a modificar o seu comportamento?

1 Sim 2 Não

Se sim,
quem? _____

13.1. Gostaria de ter um comportamento diferente com os seus colegas?

1 Sim 2 Não

13.2. Por quê?

14. Se sim, o que já fizeram para mudar o seu comportamento?

- 1() não reagir às provocações
2() controlar-me melhor
3() conviver mais com os colegas
4() conviver menos com os colegas
5() nada
6() outro
Qual? _____

BLOCO F e G

F. 1. O que você pensa sobre o problema da agressividade na escola?

2. Você se considera vítima da agressão ou perseguição de outros na escola?

- 1() Sim 2() Não

Se você respondeu NÃO passe para a pergunta 3.

2.1. O que você sente quando lhe agredem ou perseguem?

2.2. Por que você acha que ocorrem essas situações?

2.3. O que você **faz** quando se sente agredido (a) ou perseguido(a) por alguém na escola?

2.4.1. Você já pediu ajuda a alguém para resolver este problema?

- 1() Sim 2() Não

2.4.2. Se sim, a quem?

3. Você acha que os seus colegas lhe consideram uma pessoa agressiva?

1()Sim 2 ()Não

Por quê?

3.1. Concorda com a opinião dos seus colegas?

1()Sim 2 ()Não

Por quê?

G. 1. Qualquer outro aspecto que você queira escrever acerca de seu ambiente escolar, escrever aqui.

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Parecer Consubstanciado de Projeto de Pesquisa

Título do Projeto: CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E ASPECTOS DA VIOLÊNCIA POR ADOLESCENTES ESCOLARES DE ARACAJU

Pesquisador Responsável Cristiane Costa da Cunha Oliveira

Data da Versão 21/12/2011

Cadastro 251211

Data do Parecer 30/01/2012

Grupo e Área Temática III - Projeto fora das áreas temáticas especiais

Objetivos do Projeto

Geral

Analisar as concepções e experiências de violência, senso de coerência e uso de substâncias psicoativas entre os adolescentes escolares da Grande Aracaju.

Específicos

- 1- Identificar o consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes escolares
- 2- Caracterizar o perfil sócio-demográfico dos adolescentes pesquisados
- 3- Levantar escores do senso de coerência desses adolescentes
- 4- Determinar as concepções de violência no âmbito das escolas públicas estaduais
- 5- Verificar o relacionamento entre variáveis sociodemográficas, concepções e experiências de violência, senso de coerência e uso de drogas lícitas e ilícitas

Sumário do Projeto

Esse projeto pretende produzir uma análise contextualizada da problemática do uso de drogas, identificando aspectos que se encontram associados ao seu consumo e se apresenta relevante pois possibilita o levantamento de diagnóstico da situação revelada com as peculiaridades locais do estado de Sergipe, podendo favorecer a implementação de políticas públicas adequadas para a solução do problema.

Itens Metodológicos e Éticos	Situação
Título	Adequado
Autores	Adequados
Local de Origem na Instituição	Adequado
Projeto elaborado por patrocinador	Não informado
Aprovação no país de origem	Não necessita
Local de Realização	Outro (citar no comentário)
Outras instituições envolvidas	Sim
Condições para realização	Adequadas

Comentários sobre os Itens de Identificação

A pesquisa será feita em dois locais: a coleta dos dados será realizada nas escolas da rede estadual de educação, na Grande Aracaju e os dados serão tratados no ITP.

Introdução	Adequada
------------	----------

Comentários sobre a Introdução

Objetivos	Adequados
-----------	-----------

Comentários sobre os Objetivos

Pacientes e Métodos	
Delineamento	Adequado
Tamanho de amostra	Total 2710 Local
Cálculo do tamanho da amostra	Adequado
Participantes pertencentes a grupos especiais	Menores de 18 anos
Seleção equitativa dos indivíduos participantes	Adequada
Crítérios de inclusão e exclusão	Ausentes
Relação risco-benefício	Adequada

Uso de placebo	Não utiliza
Período de suspensão de uso de drogas (wash out)	Não utiliza
Monitoramento da segurança e dados	Adequado
Avaliação dos dados	Adequada - quantitativa
Privacidade e confidencialidade	Adequada
Termo de Consentimento	Adequado
Adequação às Normas e Diretrizes	Sim

Comentários sobre os Itens de Pacientes e Métodos

Cronograma	Adequado
Data de início prevista	
Data de término prevista	
Orçamento	Adequado
Fonte de financiamento externa	Não Informado

Comentários sobre o Cronograma e o Orçamento

O cronograma não tem data de início e fim, apenas consta que será feito em 12 meses. Embora haja orçamento, não há o registro de suas fontes.

Referências Bibliográficas	Adequadas
----------------------------	-----------

Comentários sobre as Referências Bibliográficas

Recomendação

Aprovar

Comentários Gerais sobre o Projeto

O projeto é muito interessante e relevante para os estudos tanto na área de saúde quanto de educação, pois poderá trazer informações e estatísticas que auxiliem na proposição de políticas públicas em diferentes áreas que tocam este projeto direta e indiretamente, com vistas a diminuir a incidência desse tipo de consumo e suas consequências.

O projeto está de acordo com as normas e apresenta todas a documentação necessária. Apenas sugerimos que se faça o resumo e revise o texto em relação a problemas de digitação. Quanto ao material impresso, ficou faltando a última página do projeto, a que contem o orçamento.

Diante das pequenas correções que devem ser feitas, não há razão para não aprovação. Deste modo, o Comitê de Ética e Pesquisa recomenda a aprovação do projeto.

Universidade Tiradentes - UNIT
Prof.^a Adriana Karla de Lima
Comitê de Ética em Pesquisa
Coordenadora

ANEXO 2 – Submission Confirmation

10/02/14

ScholarOne Manuscripts



Revista Latino-Americana
de Enfermagem

[Edit Account](#) | [Instructions & Forms](#) | [Log Out](#) | [Get Help](#)

SCHOLARON
Manuscript

[Main Menu](#) → [Author Dashboard](#) → Submission Confirmation

You are logged in as Cristiane Oliv

Submission Confirmation

Thank you for submitting your manuscript to *Revista Latino-Americana de Enfermagem*.

Manuscript ID: RLAE-2014-0039

Title: Situações de violência escolar e atitudes dos observadores na problemática do bullying

Authors: Vieira, Igor
Torales, Andréia
Vargas, Marлизete
Oliveria, Cristiane

Date Submitted: 10-Feb-2014

Print Return to Dashboard

ScholarOne Manuscripts™ v4.14.1 (patent #7,257,767 and #7,263,655). © ScholarOne, Inc., 2014. All Rights Reserved.
ScholarOne Manuscripts is a trademark of ScholarOne, Inc. ScholarOne is a registered trademark of ScholarOne, Inc.



Follow ScholarOne on Twitter

[Terms and Conditions of Use](#) - [ScholarOne Privacy Policy](#) - [Get Help Now](#)